

Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

Nº XIV IX/VII Era APS





ÍNDICE

A APS e a Educação -----4

Black Lotus

Do Outro Lado das Carteiras ----- 12

Black Lotus

999 666 ----- 17

Devis DeV deviLs g

Religião, Formação Educacional e Satanismo ----- 20

Vitor V.

Entrevista Vitor Rodrigues ----- 25

Lurker & Black Lotus

Bolonha ----- 30

Metzli

Contra a Educação das Cavernas -- 34

B.M. Resende

A Educação nas Escolas e Famílias -----37

Sofia P.

Visita ao meu coração II -----37

Outubro

Ficha Técnica

Infernus XIV

Editor: Lurker

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, Outubro, Mosath, BM Resende

Colaboradores: Sofia P., Devis DeV deviLs g, Vitor V. e Metzli

Revisão: Metzli

Créditos das Imagens:

- Imagem da Capa: Paulo César (<http://www.paulocesar.eu/>)
- Pág.2: Pablo Parra (<http://pablobarra.deviantart.com/>)
- Pág.4: Nissa Bellamy (<http://thesmallprint.deviantart.com/>)
- Pág.5: Enkatsu (<http://e-oshima.deviantart.com/>)
- Pág.10, 13, 14, 17, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 39 e 39: Paulo César (<http://www.paulocesar.eu/>)
- Pág.11: Jorge Guerreiro (<http://olhares.aeiou.pt/Guerrero>)
- Pág.12: Wojciech Grzanka (<http://voogee.deviantart.com/>)
- Pág.15: Alicia Massie-Legg (<http://alimuse.deviantart.com/>)
- Pág.16: Dave (<http://davenit.deviantart.com/>)
- Pág.19: Prof. Bad Trip (Gianluca Lericci)
- Pág.25: Vitor Rodrigues
- Pág.40: Dovilè T. (<http://mandioca.deviantart.com/>)
- Pág.41: Rui V. (<http://olhares.aeiou.pt/hiver>)



Editorial

Lurker

Tanto se fala em Portugal sobre a educação que hesitamos em dedicar ao assunto um número da Infernus. Mas ao vermos a forma como o tema é tratado na nossa comunicação social e mesmo na nossa sociedade percebemos que nos cabia trazer uma perspectiva fresca sobre a educação e tudo o que a rodeia – clichés aparte, é de facto a base de tudo o que vamos ser enquanto país e sociedade no futuro, por isso convém prestar-lhe alguma atenção.

Não estamos interessados nas estatísticas do Ministério da Educação, nem em sistemas de avaliação ou educação sexual, mas antes em ir ao cerne da questão – o nível de exigência nas nossas escolas e universidades desceu a pique em pouco mais do que uma geração, e isso deve preocupar-nos a todos.

Estão hoje a ser formados profissionais incultos, com baixa educação geral e técnica, e habituados à popularmente chamada “lei do menor esforço”. Ao mesmo tempo, aumentamos a escolaridade obrigatória e melhoramos as médias globais anuais, para manter mais tempo alunos pouco motivados, desleixados e totalmente desaproveitados a consumir os recursos gerados pela população activa.

O cenário é de facto preocupante, e temos nestas páginas muitas palavras de ex-alunos, professores e outros profissionais ligados à educação, mas também de indivíduos preocupados com este contexto actual. Mas como nem tudo é negro, apresentamos também um exemplo do que pode ser conseguido na sala de aulas: um trabalho sobre o Satanismo, com o apoio da APS, numa temática muitas vezes tabu

mas que também cabe numa sala de aulas – e, quem sabe, talvez até sirva para despertar algumas mentes.

Tendo sido recentemente pai, a educação é uma preocupação constante, mesmo alinhando-a sob a perspectiva satânica. Que futuro espera os nossos filhos? Que futuro estamos a construir para eles? Qual é o nosso legado, enquanto geração? Pela parte que me toca, não estou particularmente satisfeito com o que temos vindo a construir, por isso mãos à obra para inverter esse sentido e melhorar aquilo que achamos estar mal – de dentro ou de fora.

Estão vocês satisfeitos com a educação que prestamos às gerações vindouras? •

Cartoon-h-ell

King Chaos





A APS e a Educação

Black Lotus

Tendo a APS por missão o esclarecimento de dúvidas e partilha de informação com todos os que a procurem, é com agrado que temos vindo a participar, quando solicitados, em diferentes actividades escolares. Alunos do ensino básico, secundário e estudantes universitários têm abordado a nossa associação de forma a verem esclarecidas as suas dúvidas e não só. Apresentamos em seguida 2 tipos de trabalhos realizados em colaboração com a Associação Portuguesa de Satanismo.

Desde a sua formação que a Associação Portuguesa de Satanismo nunca se caracterizou pela evangelização de pessoas para o seu seio. Pelo contrário, não fomos de encontro às pessoas, mas criamos pontes, tal como a página na internet e o fórum, onde partilhamos

com os interessados ideais comuns e instigamos a melhoria de cada ser humano, segundo a nossa visão, individualista. Cada pessoa cresce com a partilha de informação e esclarecimento de dúvidas que estejam a toldar o seu pensamento. Muitas portas se abrem

na mente quando temos prismas diferentes sobre a mesma luz e isso leva à evolução.

Muitas pessoas continuam confusas acerca da filosofia satânica, expressando ideias erradas e tacanhas, com visão afunilada do que se passa à sua volta. Não pretendemos chegar a todos, nem é esse o nosso objectivo – este estilo de vida não se enquadra nas massas, mas em indivíduos que pretendem ser melhores e não seguir um rebanho, seja ele qual for.

Felizmente a curiosidade de muitas pessoas e o seu espírito inquisidor sobressaem e sem medos, pretendem ver esclarecidas as suas dúvidas e partilhar experiências. É neste âmbito que a APS tem vindo a trabalhar e crescer, num meio de partilha, esclarecimento, colocação de questões pertinentes para abrir mentes a novas possibilidades.

É com bastante agrado que temos vindo a responder a todos os que nos



contactam para participar em projectos seja de que área for. Participamos em entrevistas, respondemos a questões colocadas a nível pessoal, esclarecemos publicamente ou a um nível mais restrito, pois na realidade não há nada a esconder... há que saber colocar as questões correctas e ter uma atitude exigente de si mesmo.

Neste espírito de esclarecimento, apresentamos 2 casos marcantes, no âmbito mais alargado da educação que ocorreram com diferentes níveis de ensino – o primeiro a nível do ensino secundário e o segundo a nível universitário. Fomos abordados por diferentes pessoas que pretendiam realizar trabalhos relacionados com o Satanismo e para isso pediram a nossa colaboração, a qual oferecemos prontamente. O resultado pode ser descortinado nas palavras que se seguem.

Na sala de aula

Um grupo de alunos a frequentar o curso de Técnicos de logística contactaram-nos a fim de realizar um trabalho para a disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social. Com este trabalho pretendiam esclarecer os restantes elementos da turma acerca dos conceitos do Satanismo.

O trabalho foi feito em formato papel, o qual foi entregue à professora responsável pela disciplina, após uma apresentação à turma. Essa apresentação decorreu da seguinte forma: foram feitas perguntas aos colegas da turma acerca do Satanismo, o que era? Quem era Satanista? Como se podia tornar Satanista? Que tipo de rituais eram praticados? Ou seja, queriam que os colegas da turma mostrassem as suas ideias pré-concebidas acerca do que consideravam ser o Satanismo.

Após cada pergunta e depois de ouvir a resposta dos colegas, os elementos do grupo de trabalho entregavam a resposta à questão com as informações retiradas do FAQ do site da APS.

Desta forma as respostas dadas eram refutadas pela nossa Associação, mostrando os preconceitos existentes face ao Satanismo. Tanto os colegas como a professora responsável pela disciplina ficaram impressionados com o esclarecimento prestado e também com a diferença perante o que eles tinham em mente. Tanto que este grupo foi considerado o melhor da turma.

Esta foi uma excelente maneira de passar a mensagem do Satanismo e alterar algumas mentalidades. É claro que se passou apenas numa sala de aula, mas a difusão não é estanque a 4

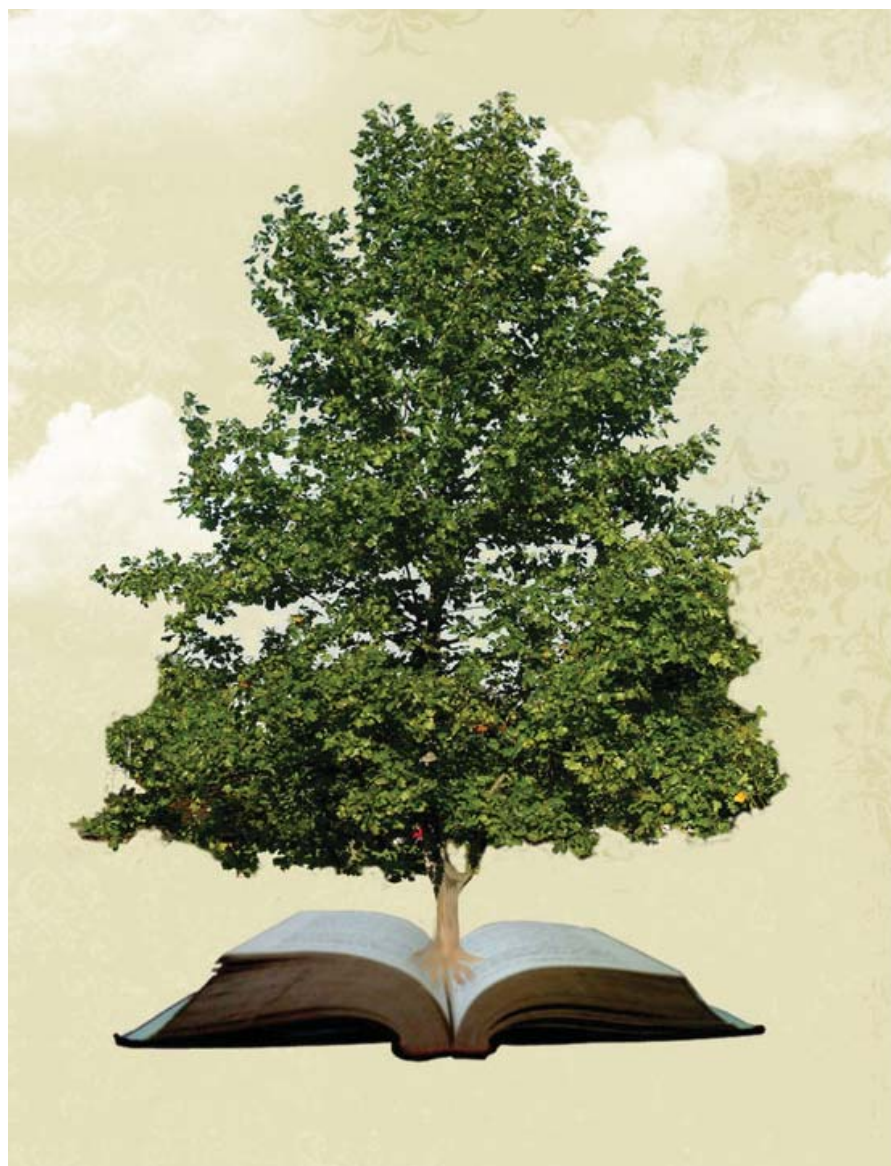
paredes. Cada aluno, perante um tema tão polémico (mais pelo seu nome do que pela filosofia em si), comunica em casa o que se passou naquela aula, partilhando com os familiares os novos conhecimentos adquiridos, além disso na escola cria-se uma onda de curiosidade face ao tema abordado e a professora além de partilhar este tema tão “bizarro” com os outros docentes, falará no seu ambiente familiar deste tema que certeza não era algo expectável.

Desta forma toda uma comunidade escolar fica com a definição correcta do Satanismo, com um trabalho realizado numa disciplina, por alguns alunos curiosos e que pretendiam abrir algumas mentes e provavelmente chocar algumas pessoas.

Assim, fala-se correctamente da filosofia, transmite-se a ideia e colocam-se outras pessoas na busca de mais conhecimentos, alargando horizontes e formas de pensar.

Na conclusão do seu trabalho apa-

“Cada aluno, perante um tema tão polémico (mais pelo seu nome do que pela filosofia em si), comunica em casa o que se passou naquela aula, partilhando com os familiares os novos conhecimentos adquiridos.”





reciam estas frases, que a nosso ver são bastante pertinentes e mostram o que os autores pretendiam: “A história está cheia de exemplos de más interpretações, por isso antes de se fazerem juízos de valor, informem-se! Exercem o vosso direito à inteligência.”

Nos corredores universitários

No âmbito de outro tipo de colaboração, a APS foi contactada por um grupo de alunas de Sociologia, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), que pretendiam realizar um estudo sobre Satanismo no âmbito do seu curso.

O seu propósito era recolher as respostas a um questionário por parte de alguns dos frequentadores do Fórum da nossa Associação.

As questões colocadas estavam relacionadas com a visão do satanista perante diferentes aspectos da sua vivência e sobrevivência na sociedade. Assim eram focadas diferentes temáticas.

Foram colocadas questões que faziam considerar o tipo de filosofia satânica escolhida para viver e assim as perguntas centraram-se na visão da morte e a forma de viver a vida; a realização e participação em rituais. Outro tema, que é muitas vezes abordado, devido à polémica que causa, não passou incólume, pelo que surgiram também questões acerca de práticas sexuais e tendências políticas. Mas também algo tão mundano como o tipo de alimentação, vestuário, gostos musicais e visuais foram abordadas neste questionário.

Como sempre os membros da APS participaram na colaboração deste trabalho, sem qualquer restrição, uma vez que a filosofia de vida satânica de tão natural e empírica nada tem a esconder e desta forma, mais uma vez esclarecemos mentes mais fechadas e preconceituosas.

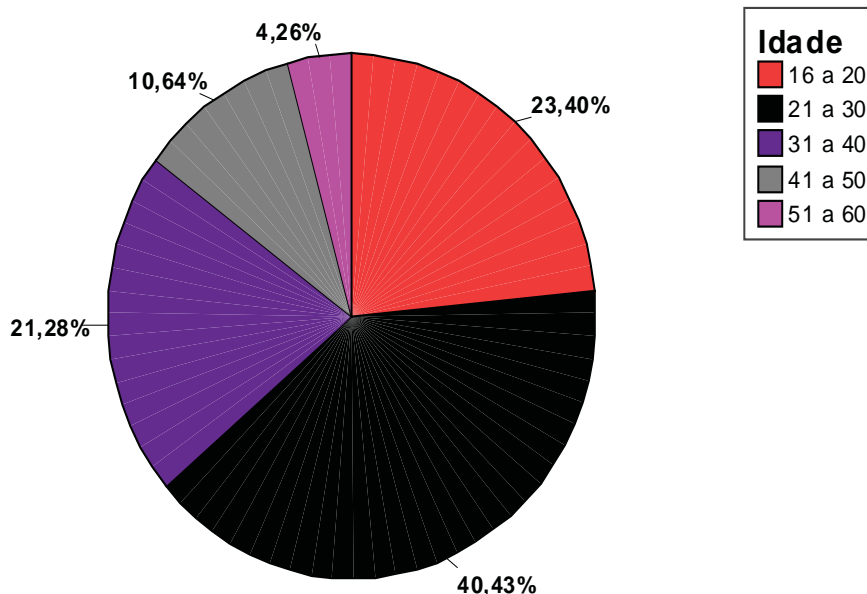
Os resultados deste inquérito, pelas palavras das suas autoras

Este estudo foi realizado junto da população registada no site da APS, utilizando como método de recolha de informação o inquérito por questionário. Esse questionário esteve disponível desde 18 de Maio a 5 de Junho de 2009 no site referido.

Os dados aqui publicados dizem respeito a população inquirida e não ao universo “Satânico”.

Nesta amostra, a percentagem de mulheres é inferior a percentagem dos homens (36% contra 64%) e em que a maioria dos inquiridos é solteiro.

Gráfico 1 – Idade



Em relação às idades há uma maioria de indivíduos entre os 21 e os 30 anos (aproximadamente 40%), sendo que as idades com menor frequência são dos indivíduos com mais de 41 anos.

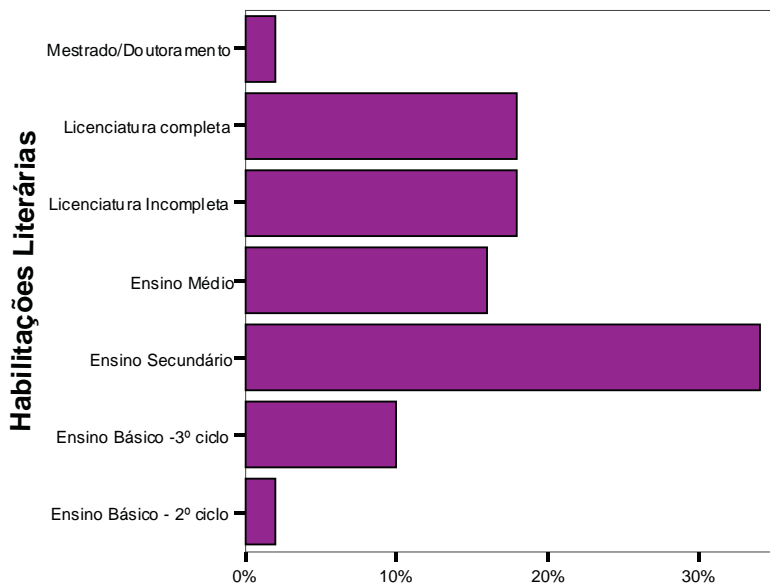


Gráfico 2 – Habilitações literárias

É de realçar neste ponto que todos os inquiridos têm algum tipo de escolaridade. O Ensino Secundário é a categoria mais frequentada, seguindo-se de um empate entre as Licenciaturas incompletas e completas.

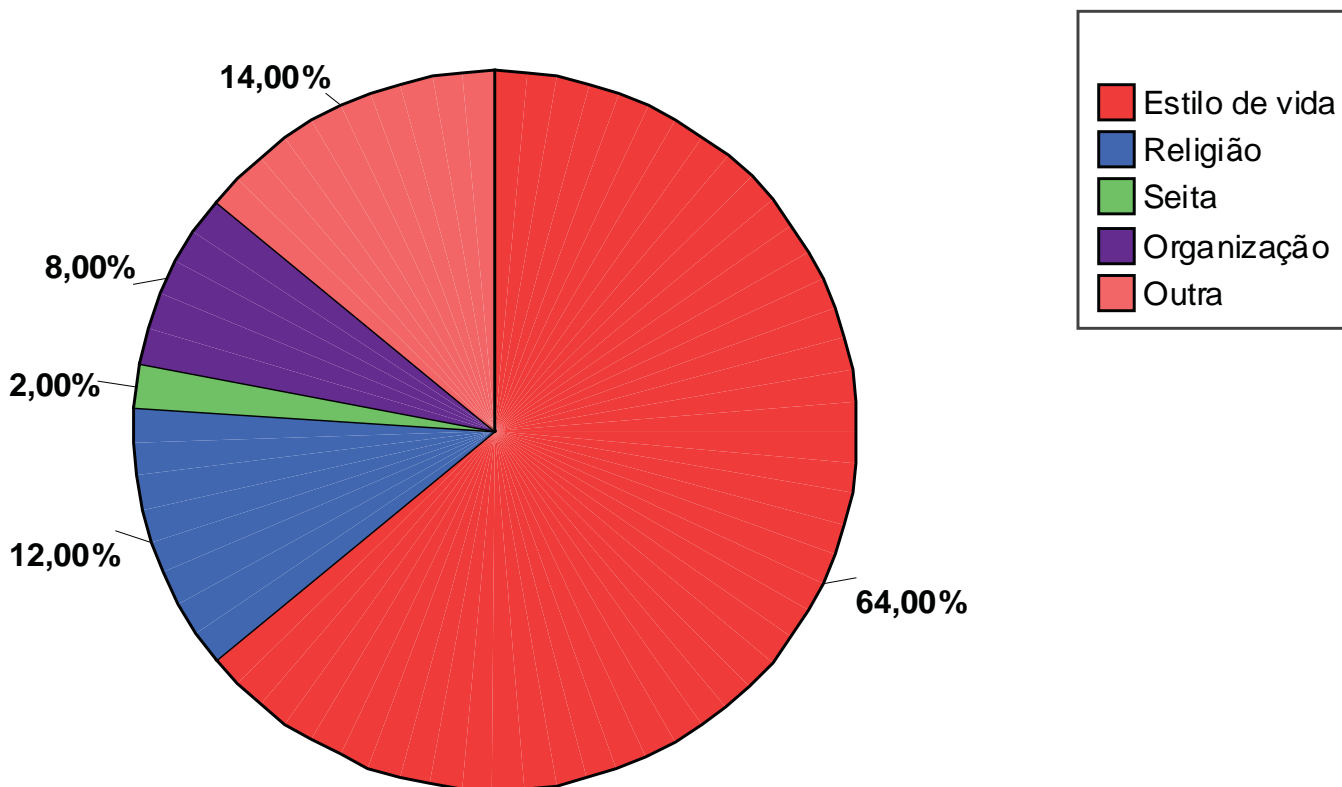
Verifica-se também que tanto o 2º ciclo como o Mestrado/Doutoramento são categorias pouco frequentadas.

Como é bem visível no gráfico 3, a maioria dos inquiridos considera o Satanismo um estilo de vida.

É também de destacar aqueles que responderam “outra”, pois, na sua maioria consideram o Satanismo como sendo uma filosofia de vida, resposta não muito di-



Gráfico 3 – O que é o Satanismo?



ferente daqueles que o consideram um estilo de vida.

A opinião dos satânicos em relação a diversos assuntos tem sido discutida sem se chegar a um consenso. Através de um conjunto de frases que dizem respeito a diferentes assuntos pretendemos perceber como varia o grau de concordância da população inquirida.

Quando questionados se existe vida depois da morte a maioria discorda totalmente (42%) dessa afirmação o que nos remete exatamente para uma ideia de viver a vida enquanto dela se usufrui.

80% dos inquiridos é defensor que se deve viver a vida intensamente o que nos leva de novo a ideia já referida acima.

A perspectiva em relação a morte acompanha o mesmo raciocínio, 64% dos inquiridos pensam que a morte é algo natural e por isso deve ser encarado naturalmente.

No que diz respeito a visão que entrevistados sobre a mulher a maioria pensa que a mulher não deve ser usada pelo homem (38%).

Sendo a vingança um dos mandamentos do Satanismo é previsível que seja uma afirmação que reúna um alto grau de concordância (72%) embora na afirmação de “quem mata deve morrer” não seja assim tão pragmaticamente apoiada. (per-

centagem mais elevada na categoria não concordo nem discordo, 34%).

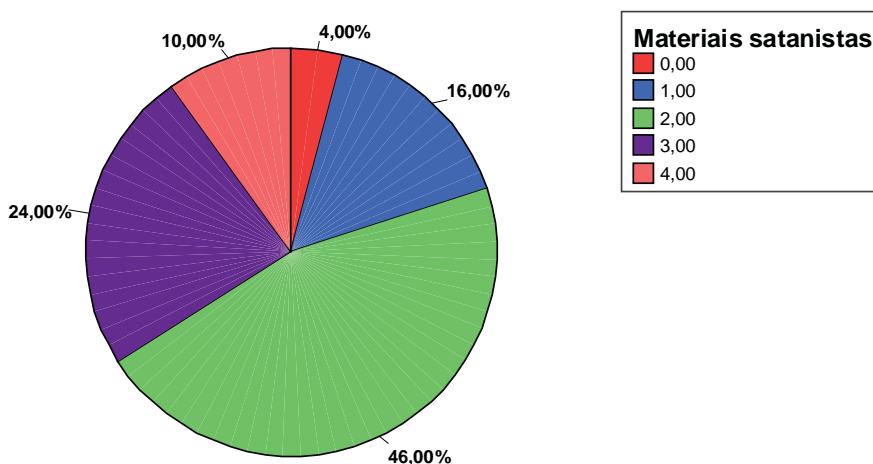
A maioria dos inquiridos quando questionados acerca de um ser superior a eles discordam firmemente (66%) o que vai de encontro à ideia de que não acreditam em nada que seja uma entidade espiritual.

Em relação à etnia os entrevistados pensam que as pessoas de diferentes etnias não devem ser discriminadas, independentemente da sua etnia.

Na questão referente à vida dever ser encarada como algo sagrado, encontramos as opiniões divididas entre concordarem totalmente ou não concordarem nem discordarem (32% e 34% respectivamente), o que demonstra que, para uns, a vida deve ser realmente encarada como algo sagrado, enquanto que para outros este aspecto é-lhes indiferente.

Quanto à participação em práticas satanistas, nota-se que os indivíduos praticam, no máximo, às vezes estas ac-

Gráfico 4 – N.º de Materiais adquiridos



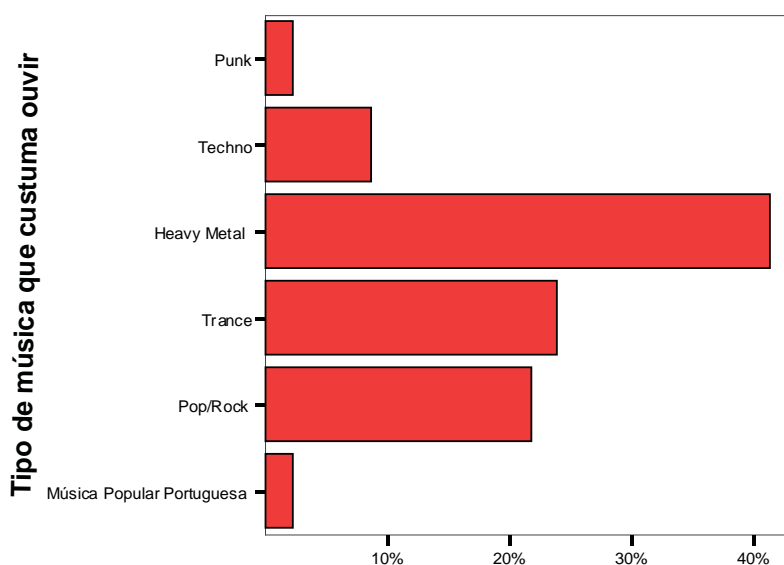


tividades. Assim sendo, assiste-se a uma grande frequência nas modalidades nunca, raramente e às vezes, o que demonstra que apesar dos indivíduos serem satanistas, não têm muitas práticas de acordo com o seu estilo de vida.

A maioria das pessoas costuma adquirir materiais relacionados com o Satanismo, sendo que os materiais mais adquiridos são revistas, livros e outros. Note-se, no gráfico 4, qual o número de materiais que são adquiridos maioritariamente.

Podemos observar no gráfico 5 que na sua maioria os satanistas ouvem Heavy metal, sendo que o Trance e o Pop Rock também são tipos de música muito ouvidos.

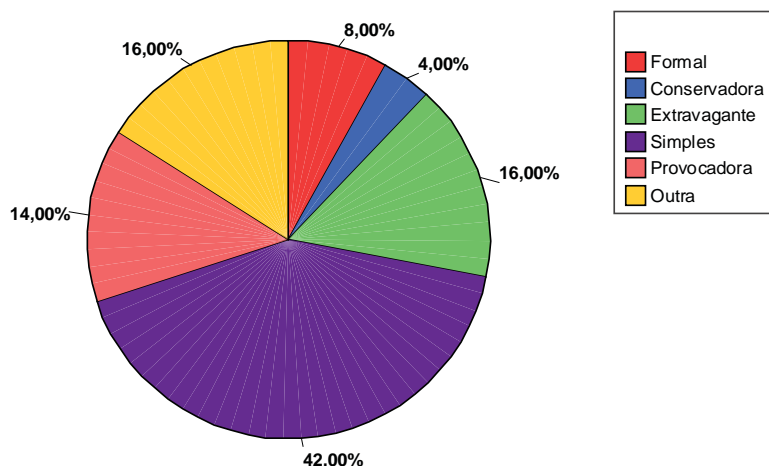
Gráfico 5 – Tipo de música que costuma ouvir



Sabe-se que algumas religiões que, de certa forma, condicionam os estilos de vida dos seus praticantes, impõem restrições alimentares. Assim sendo considerámos pertinente compreender se o Satanismo, como estilo de vida, não como religião, impõe alguma restrição a este nível. Uma vez que não encontrámos informação empírica sobre este assunto, colocámos no nosso questionário uma questão sobre este ponto. Assim sendo, tem-se que o Satanismo não impõe nenhuma restrição alimentar (opinião de 84% dos indivíduos).

Como é visível pelo gráfico 6, na generalidade os satanistas vestem-se de uma forma simples. Sendo que a categoria “provocadora” é a mais utilizada pelas mulheres e o vestuário simples pelos homens. Há que ter em conta que a nossa amostra é maioritariamente masculina. Por curiosidade, pode-se observar a baixa percentagem

Gráfico 5 – Tipo de vestuário



de satanistas que se vestem de forma conservadora. De entre estas formas de vestir, as cores mais usadas são preto, azul, cinzento e vermelho, por ordem decrescente de frequência.

Uma das outras práticas que podem ajudar a definir o estilo de vida dos indivíduos é as suas práticas sexuais. Pode assim perceber-se como a liberdade sexual é um aspecto muito valorizado para os Satanistas, sendo as práticas consideradas mais expressivas dessa liberdade o bondage, o sexo em grupo e ter vários parceiros sexuais.

No que diz respeito ao interesse pela política percebe-se que a maioria dos indivíduos interessa-se pela política. Efectivamente há mais pessoas a responderem à questão sobre a ideologia política com que mais se identifica do que aquelas que dizem interessar-se pela política. Neste ponto a amostra é bastante heterógenea, no entanto, há mais indivíduos a identificarem-se com uma ideologia de direita do que de esquerda.

Sabemos que para os Satanistas não há propriamente pecados mas sim defeitos. Pela análise dos questionários concluímos que os “pecados” mais apontados pelos inquiridos são a auto-ilusão, o conformismo de massas, a falta de perspectiva e de estética e, sendo “o pecado” mais apontado, a estupidez.

Passemos agora para um outro tipo de análise, não do estilo de vida e dos ideais dos satanistas mas sim da representação que a sociedade tem deles. Quase unanimemente, os satanistas inquiridos afirmam serem alvos de discriminação, considerando que a sociedade os acusa de pecadores, criminosos e adoradores do Diabo.

Conclusão

A partir da análise do questionário observámos que a amostra é heterógenea, sendo composta por um maior número de homens.

As suas opiniões e práticas são de um modo geral concisas, com pouco variação entre si.

Partindo dos resultados obtidos através da realização dos questionários podemos concluir que os satanistas, inquiridos conhecem a distinção entre o Satanismo Moderno e Tradicional. A maioria assume-se como Satanistas Modernos, assim confirma-se a segunda hipótese por nós colocada, que na actualidade, o estilo de vida dos satanistas enquadra-se no Satanismo moderno.

No entanto, não podemos confirmar se o Satanismo Moderno de facto é influenciado pelo tradicional, pois não



temos questionários suficientes que nos permitam avaliar a corrente tradicional.

Os inquiridos confirmaram a ideia de que são alvo de discriminação, associada aos estereótipos de origem na prática tradicional, comprovado através da pesquisa empírica. Sendo o preconceito que lhes é mais associado o de “adadores do diabo”, novamente é remetida a ideia de satanismo tradicional onde existia realmente uma adoração ao Satã.

No que diz respeito a questões políticas, tendem mais para partidos de direita, o que nos suscita alguma curiosidade visto que os partidos de direita são perpetuadores de diferenciação social e ideias conservadoras.

A componente sexual é muito valorizada, sendo uma das característica a satisfação do Homem, é por isso que o desejo sexual e a masturbação não são considerados pecados. Ainda no âmbito dos pecados mencionam a estupidez, a auto-ilusão, falta de estética, falta de perspectiva e o conformismo de massa, como pecados principais.

Este estudo permitiu-nos concluir que o satanismo tradicional tem valores residuais, dentro da nossa amostra. Sendo a corrente moderna com que os indivíduos mais se identificam.

Voz às mentoras do projecto

Alunas de sociologia entraram em contacto com a APS a fim de realizar um inquérito aos elementos participantes do fórum da nossa Associação.

Quisemos saber um pouco mais acerca das motivações por detrás desta iniciativa, bem como as suas reacções. Fica a entrevista concedida.

Em que disciplina do vosso curso realizaram este trabalho?

Este trabalho foi realizado na unidade curricular de Métodos e Técnicas de Investigação – Extensivos, em que teríamos que aplicar toda a matéria leccionada num projecto de investigação.

Qual o tema que foi pedido abordar?

Não nos foi pedido que abordássemos nenhum tema específico, apenas que teria que ser um assunto de interesse sociológico.

Este inquérito foi uma parte ou o todo do trabalho?

O inquérito em si foi apenas uma parte do trabalho, no entanto, todo o processo necessário para o realizar constituiu a maior parte do trabalho.

Qual a vossa motivação ao fazer um inquérito relacionado com o Satanismo?

Uma vez que nos foi pedido que abordássemos um tema pouco estudado ocorreu-nos tratarmos o Satanismo,



pois foi um tema que suscitou o interesse de todo o grupo e que nos motivou a tentarmos desmascarar algumas ideias pré-concebidas sobre o mesmo.

O que esperavam ficar a saber?

Com este trabalho esperavamos ficar a conhecer melhor o Satanismo, assim como dá-lo a conhecer a outros.

As respostas dadas foram de encontro às vossas expectativas?

Em geral as respostas dadas correspondiam ao estudo empírico feito do Satanismo portanto as nossas expectativas foram correspondidas.

Qual a reacção do professor receptor do trabalho?

Tivemos reacções variadas da professora da unidade curricular em questão quando a abordámos para validar o tema. Inicialmente aceitou-o, mais tarde disse-nos que não tinha pertinência sociológica, mudando um pouco a formulação das questões principais aceitou-o, voltou a recusá-lo, enfim, foi difícil que aceitasse o tema, foram necessárias muitas reformulações. Felizmente conseguimos manter-nos fiéis ao nosso objectivo, dar a conhecer o Satanismo. Quanto ao trabalho em si pudemos constatar que a professora era um exemplo do que nós queríamos demonstrar: tinha um conhecimento

errado do que é o Satanismo na actualidade, mostrando-se incomodada e com medo, talvez devido à sua devoção religiosa. Estranhamente durante o desenvolvimento do trabalho a professora usou-o como exemplo para outros grupos.

O trabalho foi apenas para o professor ou foi apresentado aos outros elementos do curso?

Idealmente o trabalho seria apresentado a todos os colegas. No entanto, devido à falta de tempo lectivo para o fazer apenas foi entregue em suporte escrito à professora.

Houve algumas respostas surpreendentes? Quais?

Pessoalmente fiquei surpreendida com o facto de a maioria dos inquiridos não praticar frequentemente actividades relacionadas com o Satanismo. Também ficámos surpreendidas com a quantidade de inquiridos cuja ideologia política se encontra à direita, apesar da amostra ser bastante heterógenea.

Ficaram satisfeitas com o resultado final?

O resultado final foi um pouco diferente do que estávamos à espera pois não tivemos tempo nem recursos suficientes para podermos aprofundar mais o tema. Como referimos mesmo no trabalho, não nos foi possível co-

nhecer na prática o Satanismo Tradicional pois não tivemos oportunidade de inquirir praticantes deste “tipo” de Satanismo. Na realidade, fizemos o que pudemos dentro das possibilidades.

Acham que a comunidade estudantil tem uma mente mais aberta a este tipo de filosofia, ou encontraram muitos “velhos do Restelo”?

Apesar de notarmos que a comunidade estudantil está com a mente um pouco mais aberta ainda encontramos muitos “velhos do Restelo”, pessoas que por ignorância gozavam com o assunto ou se sentiam desconfortáveis com ele.

Querem dar alguma opinião pessoal sobre o que pensam do Satanismo?

Na minha opinião, o Satanismo é uma filosofia de vida bastante apelativa, que deveria ser mais divulgada pois os seus princípios são essenciais para uma sociedade mais pro-activa e livre, em que as pessoas deixam de ser simples fantoches, tomam consciência do mundo que as rodeia e cultivam tanto o seu corpo como a sua mente. Contudo, penso que ao exaltar tanto o Homem se poderá esquecer um pouco do colectivo. Não há sociedade sem Homens mas o Homem também não poderá existir sem sociedade.

A vossa visão pessoal acerca do Satanismo alterou-se após a realização deste inquérito, ou da pesquisa feita para a sua realização? O que pensavam antes?

Todo este trabalho contribuiu bastante para alterar a nossa visão pessoal acerca do Satanismo. Anteriormente alguns dos elementos do grupo pensavam que os Satanistas acreditavam na entidade do Diabo e que eram feitos rituais desumanos em sua honra. No meu caso pessoal, este trabalho acrescentou informações valiosas sobre uma filosofia de vida que, para não dizer familiar, já me era conhecida. Penso que poderei falar por todo o grupo quando digo que aquilo que mais nos surpreendeu foi o forte desprezo pela estupidez.

O que acham sobre o sistema de ensino actual?

Neste ponto apenas poderei falar por mim pois desconheço as opiniões das minhas colegas de grupo. O sistema de ensino actual em si, apesar de ter muitas vantagens e de proporcionar oportunidades a alguns que antes não as tinham, apresenta também



demasiados “handicaps”: o nível de exigência no Ensino obrigatório é demasiado baixo, assim sendo, os alunos chegam ao Ensino Secundário sem conhecimentos mínimos, habituados a “decorar e despejar” sem qualquer reflexão crítica sobre o que estão a aprender; os tempos lectivos estão mal organizados; os métodos pedagógicos usados são demasiado padronizados, não tendo em conta as diferenças entre os alunos; os alunos são pouco responsabilizados pelo seu aproveitamento e atitude escolar; e há pouco investimento na formação de professores que, por vezes, é deficitária. Contudo, no Ensino Superior a realidade é um pouco diferente, principalmente com o implemento do processo de Bolonha, em que é dada maior autonomia aos alunos, o que chama a si a responsabilidade sobre o seu próprio caminho. É também exigido aos alunos que desenvolvam uma capacidade de reflexão e de resolução de problemas que, até então, não lhes era exigida. Felizmente há bons profissionais em muitos sítios, professores que entendem que para os jovens se tornarem adultos conscientes é necessário que aprendam a pensar

por si e que cultivem o seu intelecto.

Consideram que é um sistema exigente a formar profissionais competentes?

Há diversos aspectos a considerar no que diz respeito à formação profissional. Na minha opinião, esta não dependerá apenas do sistema, mas também do estabelecimento de ensino e dos professores. Contudo, penso que em certos cursos, a exigência é demasiado baixa para as profissões em questão.

Digam 5 mudanças principais que efectuavam para melhorar o ensino em Portugal.

- Reorganização dos tempos lectivos;
- Melhor formação de professores;
- Maior responsabilização dos alunos;
- Ajustamento dos métodos de ensino à realidade actual;
- Diferenciação pedagógica.

Algumas palavras finais que queiram partilhar...

Gostaríamos de agradecer a todos aqueles que responderam ao nosso in-

quérito e que tornaram possível este estudo. Apesar de muito trabalhosa e difícil, a realização deste trabalho trouxe-nos grande satisfação e esperança que cada vez mais pessoas conheçam de facto o Satanismo, de modo a não tirarem conclusões precipitadas nem fazerem juízos errados sobre os seus praticantes. É com muita pena que não pudemos divulgá-lo mais, nomeadamente a colegas e outros professores, apesar de o conhecimento que este trabalho nos deu nos permitir transmitir a outros o conhecimento que nos trouxe sobre esta filosofia de vida. Por fim gostaríamos de apelar a todos a futura colaboração neste tipo de trabalhos, este tipo de estudos, em que a resposta ao inquérito é voluntária, não é possível sem a colaboração daqueles a quem chamamos população a inquirir, ou seja, um conjunto de pessoas com determinadas características que interessam ao estudo. Apesar de termos podido contar com a participação de algumas pessoas, sentimos que poderíamos ter feito um trabalho mais preciso e extenso se tivéssemos obtido mais respostas. ●

Para complementar este estudo recomenda-se a leitura do artigo “Educação: uma máquina do tempo” da autoria de Mosath, disponível no site da APS em <http://www.apsatanismo.org/Teoria/opiniao.htm>





Do outro lado das carteiras

Black Lotus

A minha experiência com a escola é uma linha paralela com a minha vida, pelo que me encontro por dentro da sua dinâmica e tenho acompanhado a sua transformação ao longo dos tempos.

Desde o nascimento que é na escola que passei e passo grande parte das horas do dia. No início dormia na alcafoa debaixo da secretária da professora, depois brincava no recreio e foi lá, no recreio da escola, que dei os primeiros passos. Com o passar dos anos deixou de ser apenas o local de brincadeiras e

passei a ocupar as carteiras juntamente com os outros alunos para iniciar a minha vida estudantil. Por ironia, ou talvez não, a minha escolha profissional não me deixou largar as salas de aula, uma vez que me tornei professora.

A ideia de educar diferentes gerações de alunos ao longo dos tempos é motivadora e aliciante. Saber que podemos abrir portas nas mentes dos jovens estudantes, instigá-los a procurar respostas, mostrar-lhes um mundo novo, que eles nem suspeitavam existir, colo-

cá-los em conflito para gerarem novas ideias, ser o mentor da criação de novas personalidades. É realmente um lugar de destaque e poder.

Mas como em tudo, há bons e maus profissionais e todos, mesmo todos, têm recordações e peripécias a contar sobre os seus professores. Somos um grupo profissional que fica gravado e marca a vida de todas as pessoas, sejam essas marcas positivas ou negativas.

Apesar de ter apenas uma década de experiência como professora, muitas têm sido as alterações verificadas ao



nível do ensino e por comparação com os meus tempos de estudante, o fosso aumenta exponencialmente.

O Facilitismo e a Ambição

A educação e os programas educativos são o reflexo das necessidades exigidas pela sociedade, pelo que tendem a mudar consoante os tempos. Uma maior actualização, o uso de novos instrumentos e também novas mentalidades ditam as directrizes do ensino.

Aliado a tudo isto estão factores sociais, como a actual crise económica, ou situações de guerra que vão alterar as normas e as actividades escolares.

Para educar há que ter em atenção 3 factores principais interligados: ambiente, sociedade e tecnologia. O ambiente que nos rodeia, as normas sociais sob as quais no regemos e os avanços tecnológicos que alteram os outros 2 pontos.

Com o aumento do avanço tecnológico, pondo-nos em contacto com todo o mundo em questão de segundos, seria de esperar uma sociedade mais alerta, à procura de experiências diversificadas e gratificantes, mas ao invés, temos gerações de alunos dormentes, com mentes vazias.

Ter tudo em pouco tempo criou uma impaciência nos alunos e ao mesmo tempo falta de ambição, gerando o que se chama SPA (síndrome do pensamento acelerado), não conseguindo os alunos fixar-se numa única coisa.

Desde o meu 5ºano que sabia o que queria ser e poucos eram os meus colegas que não tinham ideia nenhuma – podiam ser profissões disparatadas, mas ambicionávamos alguma coisa. Hoje em dia, pela experiência que tenho, a ambição perdeu-se; a luta para alcançar um objectivo deixou de existir. Ora uma atitude assim não leva ao avançar, a tentar ultrapassar obstáculos, mas leva à mediocridade, ao “deixar andar”, à falta de opiniões pessoais e falta de identidade.

Esta é a realidade actual, um conjunto de jovens que irão ser os adultos de amanhã, a viver em redomas de vidro à espera que façam por eles o que eles não sabem, à espera que escolham por eles, que opinem por eles. O carácter protector dos pais ajuda a este entorpecimento. Cada vez há mais jovens adultos a viver com os pais sem definirem, ou abraçarem um desafio... quantos mais daqui a alguns anos? O pensamento é algo assustador, mas pode ficar pior!

A sociedade é cada vez mais exigente para com os trabalhadores, pelo que os pais, para terem dinheiro para comprar o que quer que seja, têm de traba-

lhar bastante e assim negligenciam o seu papel de pais, deixando os filhos entregues a eles mesmos.

A sociedade de ovelhas não é muito exigente com os mais novos, cada vez mais infantilizados e protegidos, pelo que às crianças não é exigido nada, a não ser não perturbar os pais.

Tendo todo este contexto, quando as crianças chegam à escola e lhes é pedido para trabalhar ouvem-se logo comentários de “trabalho infantil”. Não têm mais nada para fazer do que cultivar-se e aprender conceitos novos, explorar novas ideias, fazer o que os antigos filósofos faziam... têm comida e roupa e todo o tempo para se instruir e cultivar a mente e o corpo. Haverá melhor maneira de viver? É claro que a imaturidade não lhes permite ter uma visão tão despegada da vida!

Na escola a exigência vai aumentando, pois os conhecimentos vão aumentando e de ano para ano desde o 1º ciclo até ao secundário pressupõe-se que os conhecimentos sejam adquiridos, aumentando-se a dificuldade.

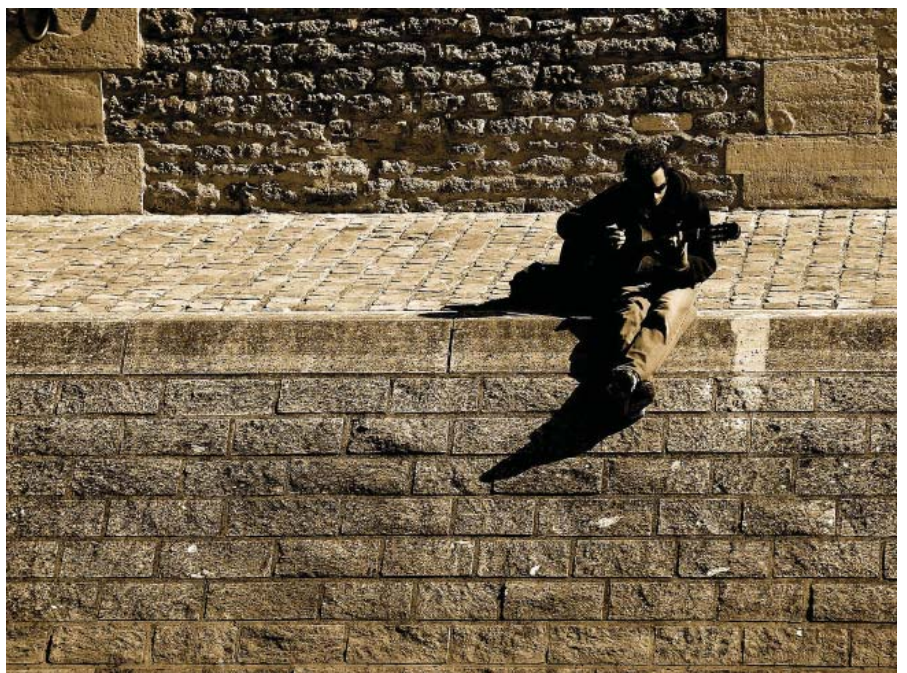
“No meu tempo” se não se sabia reprovava-se; exigia-se mais dos alunos. Hoje em dia, se o aluno não sabe, valoriza-se o facto de ir às aulas; se não vai, valoriza-se o facto de apresentar falta; se não diz nada, valoriza-se o facto de existir e com isto considera-se apto a passar para o nível seguinte.

Entrou-se numa espiral de mediocridade, em que os alunos bons passaram a ser os anormais e os mediocres os normais. Se os alunos não conseguem fazer os testes, considera-se que o professor exigiu demais, pelo que os testes têm de ser mais fáceis. Se mesmo assim

“A oportunidade dada para se criarem profissionais aptos e responsáveis é desvanecida ao querer facilitar a vida aos alunos para mostrar que Portugal é um país de literados. Chegam alunos ao 12ºano sem saber escrever correctamente português, mas as estatísticas são fantásticas!”

o aluno não tira positiva, os professores são aconselhados a deixar de elaborar testes, mas realizar trabalhos. Desta forma, desde que o aluno apresente um trabalho, muitas vezes copiado *ipsis verbis* da internet, já dá para tirar positiva.

E assim os alunos que não atingiram nenhuma competência em relação à matéria de determinada disciplina,





“Entrou-se numa espiral de mediocridade, em que os alunos bons passaram a ser os anormais e os medíocres os normais”

passam de ano para ano, porque foram às aulas.

É claro que para isto contribuíram vários factores. A análise psicológica das crianças, que dita que não devemos exigir demais e devemos deixá-las ter o seu espaço; a globalização e a conquista do governo por *rankings* apetecíveis a nível europeu, entre outros.

A última revisão do ensino tem pérolas excelentes: 1- as faltas deixam de contar para a avaliação; 2- para cada turma, o nível de retenção não deve ultrapassar os 3%; 3- os professores são avaliados tendo em conta os resultados dos alunos.

1-Os estudantes precisam de orientação e não podem ser deixados livres, pois ainda não têm maturidade intelectual para distinguir o que é necessário do que é acessório, por isso é necessária a sua presença nas aulas, não só para aprenderem a matéria, mas para serem educados, para aprenderem comportamentos, para serem estimulados intelectualmente;

2-Se numa turma de 20 alunos eu

der 1 negativa, já tenho 5% de retenção, mais do que o ministério pretendia;

3- Tendo em conta o ponto 2 – a avaliação do professor é má!

Face a este panorama legislativo, o professor tem de ir adaptando a matéria e só lecciona mesmo o essencial para o aluno não dispersar. A avaliação é cada vez mais fácil, pois o aluno não estuda e não sabe.

Em casa os pais têm como função educar e orientar, não é necessário ensinar, apenas fazer um acompanhamento. Mas a maioria das vezes nem isso fazem!

Os filhos têm actualmente grande poder sobre os pais, exigem e se não obtêm o que querem podem queixar-se a inúmeras instituições prontas a acudir os coitadinhos. Este facto aliado ao cansaço dos pais é um estratagema para a decadência.

O filho não quer estudar e não faz os trabalhos de casa. Os pais chamam à atenção e o filho aos gritos diz que tem muito trabalho na escola, passa lá muitas horas e que devia descansar, pois não aguenta. Os pais não querem ver o filho triste e não se querem aborrecer com essa situação, dizem para este não fazer os trabalhos e ficar com eles a ver televisão. Este exemplo é o dia-a-dia das escolas nacionais, os pais encobrem o pecado dos filhos. Com isto não estudam, logo os alunos nas aulas não sabem a matéria. O professor com estes dados tem de fazer um teste fácil para os alunos passarem. Os alunos passam e como conseguiram ter positiva sem fazer o trabalho de casa e sem estudar, tiveram a lição de vida que pretendiam: se não fizerem nada, as coisas vão-se

arranjar. E esta lição leva à falta de ambição!

A exigência leva à superioridade intelectual, mas actualmente essa superioridade leva a represálias de modo a diminuir essa mesma exigência.

Estamos a facilitar a vida a gerações de estudantes, mas que mensagem estamos a passar? Vão estes estudantes querer trabalhar? Ou estas gerações pretendem ficar em casa a receber um subsídio e não fazer nada? Hoje os dados para a União Europeia podem ser muito bonitos, mas vamos voltar ao tempo dos iletrados, mas com diploma de 12ºano, que não sabem nada, nem fazem nada.

O flagelo dos telemóveis

Nos dias que correm um elemento de tecnologia como o telemóvel, tornou-se praticamente um acessório indispensável, mas deve ser usado com parcimónia.

Nas escolas e face à irresponsabilidade dos alunos, este instrumento é centro de lutas, desacatos e conflitos.

Apesar de ser boa educação desligar, ou colocar em silêncio o respectivo aparelho nos locais de trabalho, isso não se verifica com os alunos. Muitos não têm a sensibilidade para se aperceberem do acto, outros vêm os exemplos dados em casa e estão apenas a repetir a acção dos pais.

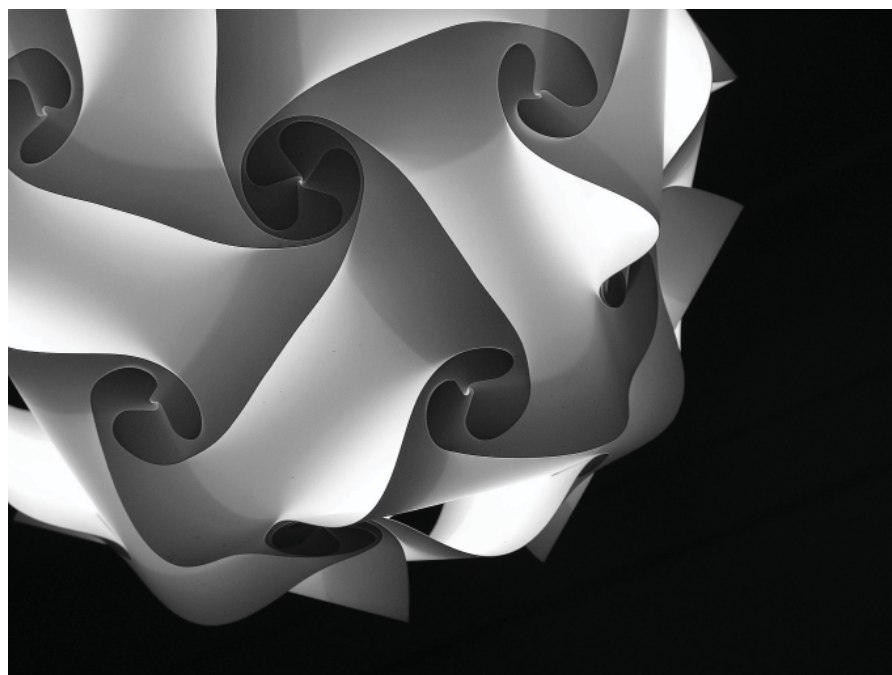
As crianças, tal como os adultos, podem ser contactadas no seu local de trabalho através dos serviços centrais. Claro que depende da profissão, mas neste caso estamos a falar do ambiente escolar.

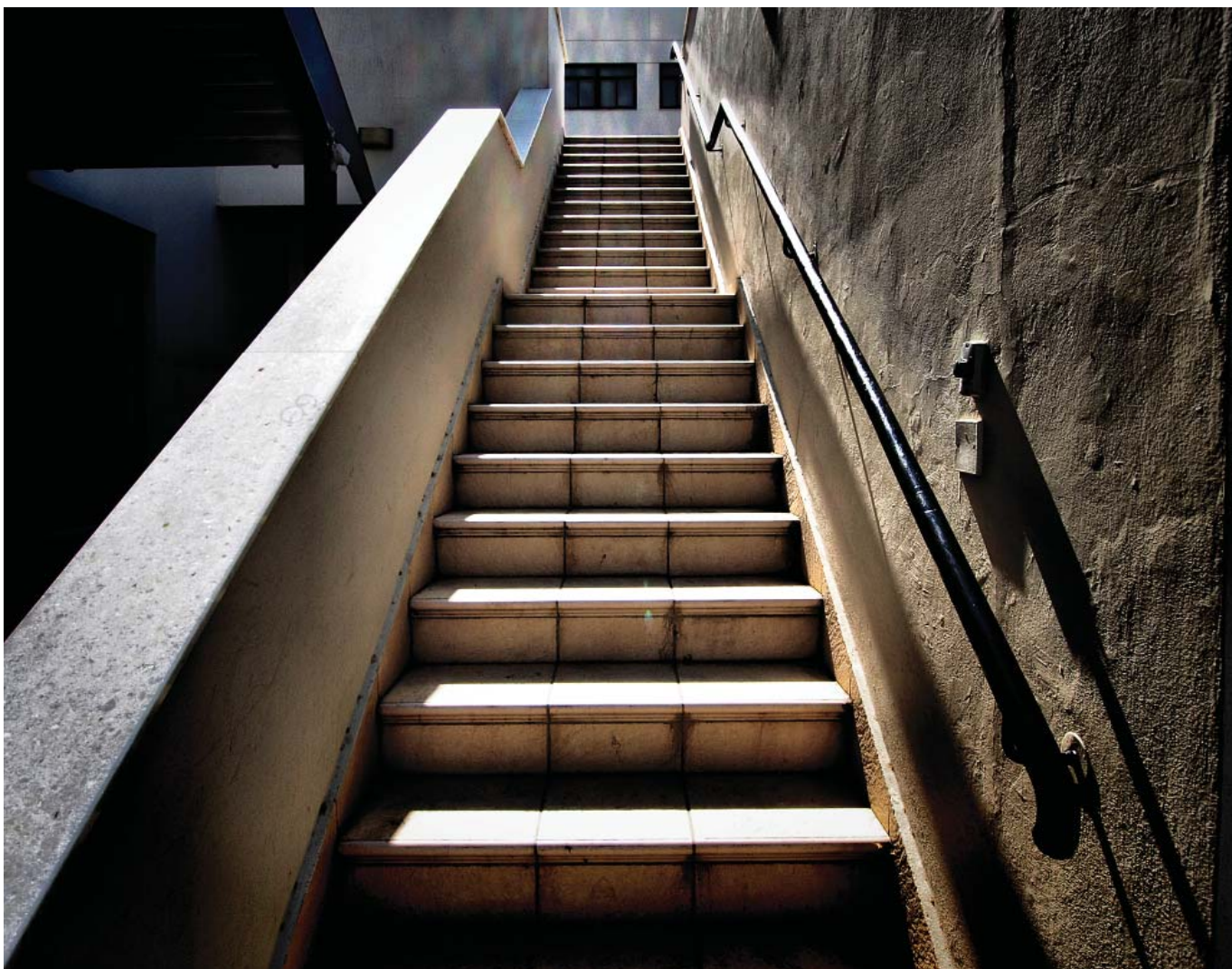
Deste modo não há necessidade de ter o telemóvel ligado durante o decorrer de uma aula, pois se houver uma emergência as pessoas serão chamadas à sala de aula.

Se para as crianças/adolescentes a regra de desligar o telemóvel é algo a ser ensinado/explicado, não se percebe a actuação de muitos pais face ao telemóvel.

Todos os anos tenho retirado telemóveis a alunos, que após uma semana devolvo (segundo política escolar) e por várias vezes fui abordada por pais, indignados e até violentos devido a essa atitude. Muitas vezes o telemóvel tocou na aula e eram os próprios pais a ligar aos filhos! Será que não têm noção do horário dos seus filhos, não se importam em os prejudicar?

Ao educar os jovens o exemplo tem de partir de cima, pois é com as acções e não com palavras que os convencemos, é com a experiência que se tem noção das consequências.





Também já tive casos em que tirei o telemóvel a alunos e os pais compraram outro, porque o menino ficou muito transtornado. Mais uma vez, o professor é desautorizado pelos pais, há facilitismo dos pais perante os filhos e estes perdem a ambição de lutar por alguma coisa.

Para os alunos o telemóvel é de tal importância, que não há problema em ser expulso de uma sala de aula e até são consideradas agressões aos professores. O aluno erra e pensa que está com a razão toda, não querendo sofrer as consequências dos seus actos. Se há consequências, os pais muitas vezes são contra-producentes aligeirando a situação e dando uma mensagem errada aos filhos.

Cursos Profissionais

Actualmente as escolas têm para oferecer aos alunos o currículo normal, mais vocacionado para o ingresso no ensino superior e também os cursos profissionais, preparando os alunos para passar da escola para o mundo do trabalho após a conclusão do 12ºano de escolaridade.

Estes cursos profissionais de grande abrangência, podiam ser uma excelente solução para os jovens. Sair da escola com o 12ºano e uma certificação, colocando-os aptos a trabalhar na área escolhida, com todo o desemprego que assola a sociedade actualmente, seria uma excelente forma de ter jovens qualificados e colocados no mercado de trabalho. Seria, porque na realidade tudo isto é uma utopia.

As directrizes para estes cursos profissionais é que os alunos têm de ter sucesso, são cursos adaptados ao aluno e não algo que o aluno tem de fazer. Assim, mais uma vez, se o aluno não tem sucesso, baixa-se o nível até ele ter sucesso. São dadas inúmeras oportunidades para todos, sem excepção, saírem com diploma.

Face a estas directrizes, os alunos direccionados para estes cursos são normalmente aqueles que não conseguiram acompanhar o ensino regular, ou já têm uma idade elevada... a constituição das turmas costuma ser de arrasar!

Quanto ao ensino, os conteúdos são condizentes com o nível de ensino,

mas é dada mais liberdade ao professor para colocar as metas que acha necessárias. Deste modo e face ao desinteresse dos alunos perante o currículo, o nível baixa tanto que por vezes estamos a dar exercícios do 5ºano a alunos de 10ºano. É vergonhoso não nivelar por cima, mas descer abaixo do que seria respeitável e isto provoca alguns problemas de consciência.

Tentamos motivar os alunos, aliciá-los, mostrar a matéria de formas diversas e o que recebemos são pessoas a falar umas com as outras a escrever mensagens nos telemóveis, deixando-nos literalmente a falar com as paredes. Com isto a atenção nas aulas é nula, logo os resultados são péssimos. Seguidamente as reuniões de docentes tornam-se penosas, reforçando a ideia que os alunos têm de ter sucesso!

Nem na parte mais prática dos cursos os alunos mostram motivação... e estes são os futuros mecânicos, ou electricistas, ou técnicos de computadores. Confiar neles? Nunca! Não sabem, não adquirem competências, não sabem escrever, relacionar-se com o público e no entanto têm acesso a um diploma e re-



cebem um pagamento durante o tempo de duração do curso.

A oportunidade dada para se criarem profissionais aptos e responsáveis é desvanecida ao querer facilitar a vida aos alunos para mostrar que Portugal é um país de literados. Chegam alunos ao 12º ano sem saber escrever correctamente português, mas as estatísticas são fantásticas!

Educação sexual

Outro tema em destaque no ensino nos últimos anos tem sido a questão da Educação Sexual. A batalha dos alunos para terem esta disciplina e a aparente ineficácia das escolas em conseguir administrar este tema. Convenhamos que não há assim tanto para falar durante um ano inteiro!

A questão da educação sexual é abordada sempre e em todos os anos de escolaridade na disciplina de Ciências da Natureza, Ciências Naturais, Ciências da Terra e da Vida e Biologia. A questão da anatomia e sistemas reprodutores é explorada até à exaustão, os alunos são informados dos métodos contraceptivos ao seu dispôr e qual o mais indicado para a sua faixa etária. É abordada a temática das infecções sexualmente transmissíveis, causas, consequências e formas de as evitar.

Também se fala com os alunos da parte mais sentimental de uma relação. Não somos máquinas, pelo que todas as nossas acções têm consequências físicas para o corpo, assim como psicológicas que nos vão acompanhar durante toda a vida.

Recentemente as escolas receberam directrizes no sentido de na disciplina de Formação Cívica integrarem o tema de Educação para a Saúde, da qual um dos capítulos a administrar é precisamente a Educação Sexual.

Informação não falta! E no entanto, após anos e anos a ouvir falar de prevenção e riscos das relações sexuais demasiado cedo e sem protecção, chegamos a alunos no secundário com os mesmos tabus que apresentavam no 5º ano. As perguntas que faziam 5 anos antes e os conceitos errados não foram dissipados ao longo do tempo. Porquê?

Esta é a questão a que não sei responder. Falamos abertamente com os alunos sobre tudo, muitas vezes temos de pesquisar porque as perguntas, até para os professores são estranhas, mas esclarecemos tudo. Perguntamos quais as dúvidas e os alunos podem submetê-las anonimamente. E até eles dizem que não têm mais nada a perguntar... passado uns meses estão com as mesmas dúvidas e conceitos errados! É incrível ver este tipo de situações, o que leva à

gravidez na adolescência, a doenças que se transmitem sem estar a contar com isso e traumas psicológicos difíceis de ultrapassar, se é que alguma vez se ultrapassam.

Os jovens querem experimentar tudo cada vez mais cedo, ter aqui e agora e estão habituados a obter isso com outros bens materiais. Para eles o sexo é outro bem material que os adultos têm, por isso eles têm de ter, a qualquer custo e não interessa o que dizem acerca da prevenção, ou maturidade, têm de experimentar.

Pretende-se educar com responsabilidade, mas actualmente o que se aprende nas escolas é a mediocridade, o facilitismo em obter alguma coisa, valorizar o “coitadinho”. Temos de exaltar os bons, os que querem vencer e se esforçam por conquistar o seu lugar, os outros é que têm de acompanhar o ritmo, ou ficar para trás. Não obstante este cenário, há sempre razões para sorrir face às mentes curiosas, educadas e empenhadas que também nos aparecem e que resistem às maçãs podres que tentam infestar a cesta, sendo estes alunos que nos dão alento para continuar, pois podemos realmente fazer a diferença. Há que mudar mentalidades sociais e valorizar quem merece! ●



999 666

DeViS deviLs g.



Os números são a linguagem universal entendida por todos, por isso, em muitas culturas, as letras e números misturam-se dando azo a interpretações curiosas. Esta interpretação tem muito a ver com o objectivo que se pretende, mas não deixa de surpreender pelos resultados a que se chega... um belo exemplo, sempre relacionado com o Satanismo, o 666!

Quando conheci o Kalamun, ele era pouco mais velho do que uma criança. Nessa altura eu estava encarregue de uma loja de livros que negociava principalmente com a parte esotérica. Ele era um cliente habitual. Certa vez ele perguntou-me acerca do “número da Besta”. Isto porque ele tinha perguntado à sua professora de religião e moral (lembrem-se que Itália é um país governado pelo Vaticano e a “religião” faz parte do currículo escolar e é imposto em praticamente todas as escolas) acerca deste tópico e a resposta dela foi que o número “666” era o contrário do “999”, número que de acordo com a teologia escolar não conseguia atingir a perfeição do número 1000. A meu ver esta foi realmente uma resposta algo cómica para uma professora “católica-supersitiosa”. Por isso insurtei o Kalamun para perguntar à sua professora se ela acreditava nos antigos escritos hebraicos que usavam “a numeração árabe”, uma vez que a resposta dela se baseava numa interpretação não-matemática através da imagem ao espelho dos números árabes. Escusado será dizer que a inexperiente professora cristã ficou maluca quando encontrou esta pequena objecção!

Agora, em relação ao dia 9 de Setembro de 2009, ou seja, 09.09.09, na

convencção do mundo ocidental, será agradável ter uma pequena conversa acerca do “Seis Seis Seis”, para obter algum prazer intelectual e brincar com estes números.

Antes de continuarmos, um pequeno desvio, acho que todos os leitores da Infernus deverão saber um pouco acerca da cabala. *Ghematriah* é um dos principais ensinamentos de cabala. Segundo *Ghematriah* podemos ter acesso aos domínios escondidos, através de valores numéricos, que se encontram ocultos nas palavras. Isto é possível em várias linguagens ancestrais, como *Chaldaean* ou o hebreu, que usam letras e também números. De acordo com este ensinamento esotérico, é algo semelhante a um jogo matemático, pois cada palavra transmite um número que permite ter acesso a significados escondidos e profundos. Por exemplo, a palavra “Messias”, em hebreu “MShYCh”, pode ser escrita como Mem (40) + Shin (300) + Yod (10) + Cheth (8), o que reflecte um total de 358. Este número é o mesmo obtido pela palavra Serpente, em hebreu “NChSh” e diz-se Nun (50) + Cheth (8) + Shin (300) = 358. Por isso este número 358, sugere que há uma ligação esotérica entre “messias” e “serpente”, será que quer dizer que o messias era a serpente no jardim de Eden, que fornece o conhecimento a Eva?

O número “666” aparece pela primeira vez no *Apocalipse de João*, um livro escrito em grego arcaico, outra língua onde as letras podem ser substituídas por números. A citação, de acordo com a versão do Rei Jaime de Inglaterra, diz o seguinte: “*Deixa aquele que possui conhecimento contar o número da Besta: pois ele é o número dos Homens e o seu número é seiscentos e sessenta e seis*”.

Alguns manuscritos da Grécia antiga mostram o número em numeração grega ancestral, através do uso de letras gregas como chi, xi, “tail-Sigma”, ou como o rei Jaime fez: 600, 60, 6, ou “hexakósioi hexekonta hék”. Já agora, não acham estranho que em grego antigo a palavra “hex” representa o número “6”, enquanto que na língua inglesa “hex” é o mesmo que dizer feitiço, ou até maldição?

De volta a “São João”, é notório que ele ao escrever o seu livro fez uso dos códigos da cabala e isso salta tanto à vista que quase todos os estudiosos interpretaram a sua escrita de acordo com o simbolismo e não de uma forma literal. No entanto há sempre alguns cristãos que tentam ir buscar a iden-

tidade da Besta como algo real e preciso, ignorando a regra mais básica da hermenêutica, ou mesmo do simples senso-comum.

Se a “hexakosioihexekonta hexamania” não for suficiente, devem considerar se o verdadeiro número da Besta não será o 616, em vez de 666, uma vez que podem encontrar “Seis Um Seis” em alguns manuscritos do início do século III no *Livro das Revelações*.

Seja “Seis Um Seis” ou “Seis Seis Seis”, os primeiros cristãos viram o número da Besta como uma referência a César, ou ao Império Romano. A hipótese de que a “marca da Besta” é uma referência aos imperadores romanos é suportada pelo facto de que tanto o 666, como o 616 podem ter uma conotação cabalística relacionada com Nero César. Se o nome “Nero César” for mantido na sua foma latina a sua correspondência para hebreu seria “NRV QSR”, ou 616 cabalisticamente sumando Nun (50) + Resh (200) + Vau (6) + Qof (100) + Samech (60) + Resh (200). Por outro lado “Nero Cesar” transforma-se em “Nero Kaisar” se se falar em grego e a sua transcrição para hebraico seria, “NRVN QSR”, que corresponde a 666 = Nun (50) + Resh (200) + Vau (6) + Nun (50) + Qof (100) + Samech (60) + Resh (200).

Calculo que alguns estejam a dar em malucos com esta misturada de números e letras, mas como sabem foi assim que ocorreu o desenvolvimento de religiões ao longo dos séculos... em detrimento do cérebro!

Ao utilizar estes jogos cabalísticos, a Besta pode ser também o imperador romano Caligula e Domitianus. Robert Graves sugere, acerca de Domitianus, que o número 666 em numeração romana DCLXVI, é um acrónimo para a frase latina “*Domitianus Caesar Legatos Xti Violenter Interfecit*”, que quer dizer “*O imperador Domitians matou o enviado de Cristo*”.

Voltaremos mais tarde aos jogos cabalísticos. Para já retornemos à antiga Grécia. É interessante referir que Andreas de Caesarea, um escritor teólogo grego e bispo de Caesarea, na Capadócia (que vários estudiosos colocam desde o século V ao século IX), no seu trabalho principal, faz um comentário acerca do *Livro das Revelações* e que é também este o comentário mais antigo que sobreviveu no livro que é a Bíblia. Ele sugere sete nomes para a Besta, cada um dos quais soma

“Deixa aquele que possui conhecimento contar o número da Besta: pois ele é o número dos Homens e o seu número é seiscentos e sessenta e seis”.



666. "BENEDIKTOS" entre esses sete, evoca o já mencionado "número binominal 666/616". Será que esse nome se refere ao nome do actual papa "Benedicto 16"?

Considerando que até Martin Luther reparou que "Benediktos" dava 666 nas letras gregas de *Ghematriah* e

por isso ele pensou, há muitos anos atrás, que podia ser a referência a um papa chamado Benedicto!

Houve muitos cristãos "protestantes" que viram o 666 como uma referência ao papa. Um dos títulos do papa é "*Vicarius Filii Dei*", "*Vicário do Filho de Deus*". Este nome em latim soma-se

num total de 666 em numeração romana. No entanto, esta interpretação faz com que não se tenha em consideração as letras sem significados numérico na numeração romana, tal como "A", "R", "S", "F" e "E". Notem que os romanos costumavam reescrever "U" como "V". Resumindo *VICARIVS FILII DEI* = 666 = V (5) + I (1) + C (100) + A (sem valor) + R (sem valor) + I (1) + V (5) + S (sem valor) + F (sem valor) + I (1) + L (50) + I (1) + I (1) + D (500) + E (sem valor) + I (1).

Rudolf Steiner, o fundador da antroposofia, sugeriu que o número 666 se referia, cabalisticamente, ao Demônio do Sol, *Surath* (SVRT = 666 = Samech (60) + Vau (6) + Resh (200) + Tau (400)). Usando as mesmas letras podem ter STVR, traduzido para hebreu e que é semelhante ao nome Saturno, o antigo deus no território central de Itália, a que os romanos chamavam "*Saturnia Tellus*" (a terra de Saturno).

666 é também a soma de todos os números da roleta, mas se continuarmos assim, podemos facilmente ver o número 666 em todo o lado. É um pouco aquilo que acontece com aqueles atormentados com a "fobia hexakosioihexekontahexa", uma fobia, o "medo do número seiscentos e sessenta e seis".

Fora da superstição cristã, este tipo de fobia foi populaizado por uma série de filmes de terror série B, como o conhecido *Omen*. As pessoas com fobia Hexakosioihexekontahexa vão evitar coisas que pensam estar relacionadas com o número 666. Um dos últimos casos de histeria massiva de fobia hexakosioihexekontahexa, ocorreu há alguns anos atrás, quando muitas mulheres grávidas se mostraram preocupadas com o facto de dar à luz a 6 de Junho de 2006, ou 06.06.06.

O que é que essas pessoas fariam se soubessem que a Internet (World Wide Web) tem o número da Besta? Em hebreu "WWW" é o mesmo que "SeisSeisSeis" = W (Vau = 6) + W (Vau = 6) + W (Vau = 6) = 6 6 6 !!! •

"O que é que essas pessoas fariam se soubessem que a Internet (World Wide Web) tem o número da Besta? Em hebreu "WWW" é o mesmo que "SeisSeisSeis" = W (Vau = 6) + W (Vau = 6) + W (Vau = 6) = 6 6 6 !!!"





Religião, Formação Educacional e Satanismo

Vitor V.



Pode-se dizer sem maiores receios que o Satanismo passa a ser conhecido por muitos quando já estão ou numa fase mais adulta, ou então quando mais novos, na adolescência. Os seus primeiros passos geralmente têm por base uma formação cristã, que pode ter ocorrido dentro do lar, ou ainda, dentro de uma sala de aula. Religião e escola devem ser interligados? Poderia o Satanismo fazer parte deste processo educacional? É preciso pensar para se tentar educar...

Quando estamos a lidar com uma religião que tem por foco o indivíduo, mais do que simplesmente pensar na sua valorização, ou nos pressupostos dogmáticos que definiriam os seus valores e as suas condutas, é preciso pensar de que forma se chega até eles. E isto diz respeito directamente ao modo como cada pessoa se encontra quando entra em contacto com o Satanismo. Pressupondo, e com razão, que não seriam todos que assimilariam as suas características tão facilmente, LaVey na sua Bíblia Satânica trata de tecer fortes



críticas aos modelos de pensamento vigente, para aos poucos, ir introduzindo novos conceitos. De igual modo dá-se este processo, no que diz respeito ao contacto com a religião, também um outro de formação ocorre assim que saímos do ventre das nossas mães, com a diferença de que neste nosso meio cultural, família, e escola serão os factores determinantes para a construção do nosso pensamento, valores e personalidade.

As palavras que se seguem têm então por intuito convidar o leitor a reflectir sobre determinadas questões relacionadas com a maneira como são construídas pouco a pouco as características de cada indivíduo, tendo por objecto de análise a relação entre religião e escola. Sem deixar de lançar um olhar sobre como a religião se relaciona também com a educação passada a um filho pelos seus pais ou responsáveis. Naturalmente não se pretende aqui encerrar as perguntas levantadas, nem muito menos fornecer respostas absolutas para algo tão complexo e delicado de se tratar. O que nos cabe por agora é discorrer sobre diferentes ideias, para que cada um, à sua maneira, possa formar a sua opinião e para que esta conduza, quando necessário, às atitudes a serem tomadas.

Para dar início, tratemos de analisar a ligação que existe entre a religião e a escola, tendo por foco o ensino religioso, ou seja, escolas que formalmente inserem no seu corpo de disciplinas a religião, bem como aquelas, que se assim não o fazem, tratam ao menos de dedicar esforços à transmissão de alguma doutrina religiosa de outros modos. Pode-se dizer que muitos pais vêm em instituições com este direccionamento um espaço favorável à formação da criança, uma vez que nele poderá ela assimilar valores que contribuirão para o seu bom comportamento. Assim, acabam por ser estas instituições as escolas desses pais, que estarão de certo modo seguros em relação àquilo que nelas será ensinado. Podemos considerar ainda a ocorrência do facto de que se teme que a criança, não tendo um acompanhamento religioso formal dentro do ambiente escolar, possa acabar por desvirtualizar os códigos de conduta vi-



gentes. Ou até mesmo, pode-se também dizer, que se teme que a criança sofra algum tipo de desfasamento cultural, por não ter crescido em contacto com os conhecimentos religiosos.

O primeiro comentário a ser feito é sobre o que viriam a ser estes valores, esta formação moral, na qual a religião e o ensino religioso exerceriam consi-

derada influência. Ora, o que definiria estes valores, ou o “bom comportamento”?

Tanto no Brasil, terra deste que lhes fala, como em Portugal, a cultura cristã exerce forte influência em todos os segmentos da sociedade. Assim como em ambos os países o público religioso é maioritariamente católico. O que



“E então retomo a pergunta, é realmente necessária a religião na constituição de um alguém socialmente “correcto”? Penso que não...”





nos leva a perceber que boa parte dos valores a serem ensinados acabam por receber uma roupagem definidamente cristã. De tal modo, uma formação de qualidade, reconhecida e apreciada por muitos dos pais, seria justamente uma formação cristã. Naturalmente não tenho por intuito neste momento tecer críticas mais ácidas em relação a preceitos cristãos, muito menos fazer qualquer julgamento de valor. Entretanto, é preciso que seja feita a seguinte pergunta: a formação de um indivíduo, por parte da escola, depende realmente de um direccionamento religioso?

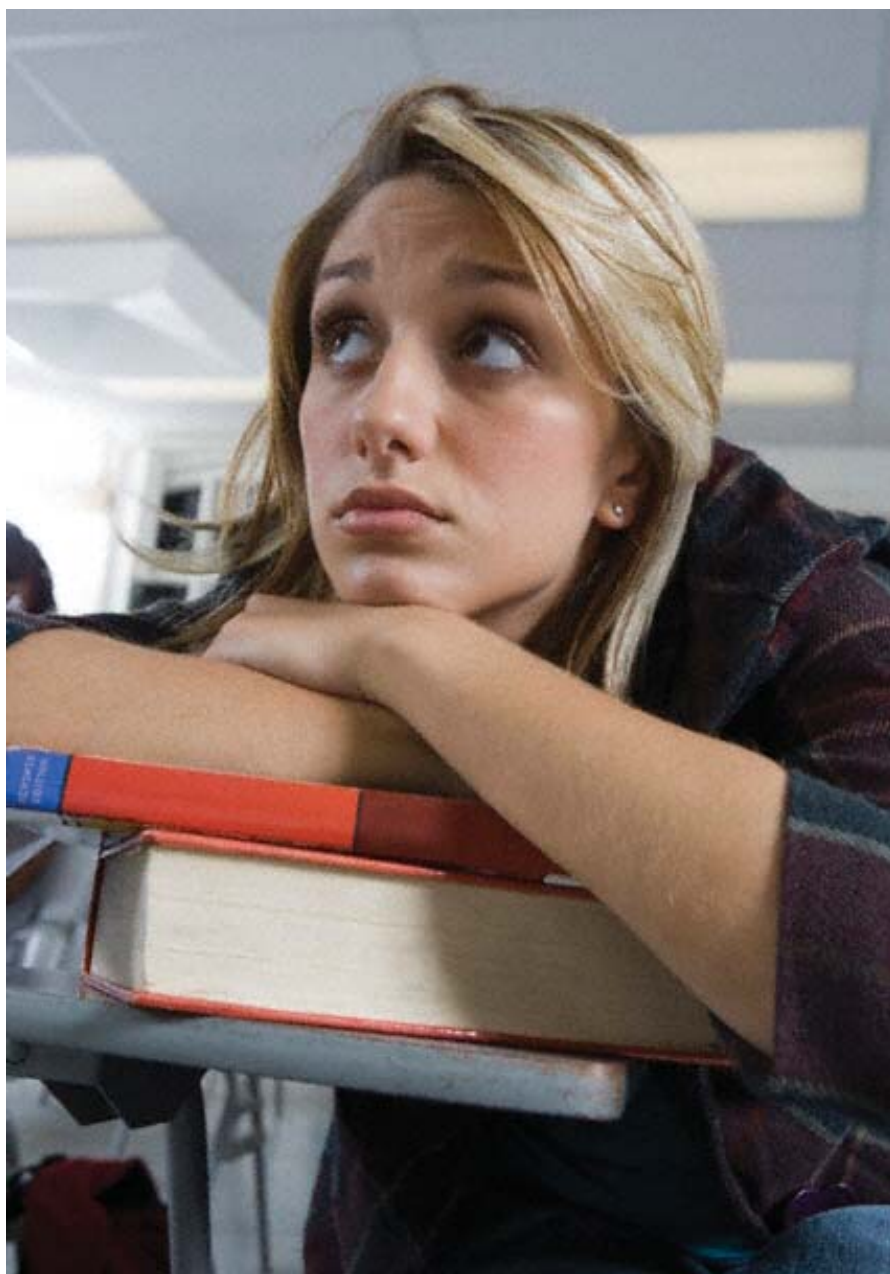
Antes de se darem respostas definitivas, é preciso pensar um pouco sobre a importância social que reside na instituição da escola. Temos nela, junto à família e a cultura nas suas mais distintas manifestações, um dos pilares da formação de um indivíduo. Ainda

que haja um foco científico, no que diz respeito ao ensino das ciências e do conhecimento produzido pelo ser humano, não se pode deixar de lado que ao longo do período escolar a criança, em contacto com outras e com educadores, acabem por apreender, por conta da própria natureza educativa, os comportamentos que são válidos e que não são. Ou seja, há uma inseparável noção prescritiva de normas e modos de agir presente no ambiente escolar. Não me querendo aprofundar muito sobre os reflexos sociais do ensino e como este se realiza, podemos dizer em linhas gerais que tudo isto tem por fim fazer do aluno uma pessoa com conhecimentos específicos para desempenhar algum tipo de função a ser por ele escolhida, o que significa formar um profissional de capacidade para o mercado de trabalho; bem como, e a meu ver sendo este o

ponto mais importante, formar alguém que seja inserido na sua sociedade, que dela faça parte, e que contribua para o seu desenvolvimento. Isto significa formar um indivíduo para o mundo, para a vida.

Indo além na nossa ideia, o que poderíamos considerar então como uma pessoa socialmente “correcta”? A despeito de quaisquer valores religiosos, podemos traçar não um ideal moral, mas ao menos uma conduta social minimamente adequada. Podemos caracterizá-la por alguns pontos básicos e que não vão contra os pensamentos mais gerais. Trata-se de respeito pelo próximo, respeito à propriedade alheia, reconhecimento de direitos e deveres estabelecidos através das leis e da constituição, e tudo aquilo que estiver dentro destes mesmos conceitos. Penso que independente das religiões estes são plenamente cabíveis e esperados por membros de uma sociedade organizada. E então retomo a pergunta, é realmente necessária a religião na constituição de um alguém socialmente “correcto”? Penso que não...

A escola é um corpo de educadores somado a uma estrutura que permite conceder ao aluno tanto apoio pedagógico, como eventos e diversos outros meios que lhe possibilitem transmitir qualquer tipo de informação. E isto pode perfeitamente ocorrer sem que haja a necessidade de uma ou outra religião por trás. Seja dentro da sala, quando o professor discursa aos seus alunos, seja através dos outros educadores, quando por exemplo se toma alguma medida de repreensão a algum comportamento inadequado, ou ainda com campanhas, palestras, actividades em grupo, etc.; tem a escola meios suficientes para fornecer aos seus alunos através de medidas sócio-educativas os valores sociais descritos anteriormente.



“As religiões e cada uma de suas peculiaridades actuam como um grande leque de opções dentre as quais deve o indivíduo ter o direito de optar por uma.”



Basta simplesmente que os profissionais envolvidos estejam cientes do seu papel e exerçam a sua função da melhor maneira possível. Não devo negar que nem tudo é tão simples como parece... Ao menos por aqui no Brasil, o Estado não oferece recursos e meios necessários para que uma escola possua um mínimo de infra-estrutura para actuar de forma satisfatória, claro. Mas isto não significa que com a religião sejam os problemas resolvidos; penso justamente que é preciso voltar os olhos ao potencial da instituição escolar, e não simplesmente atribuir a um ensino religioso uma tarefa que poderia por ela ser plenamente executada.

Entretanto, para não deixar de lado outros prismas do problema, suponhamos que o ensino religioso seja adoptado como um meio para contribuir com a formação em questão. Partimos então de uma escola que tenha como disciplina o ensino religioso, ou, como já colocado, que tenha algum direccionamento religioso. Como é que isto se aplicaria na prática? Qual seria a religião a ser escolhida para ensinar?

Isto leva-nos à primeira dificuldade. Por mais que partamos de sociedades em que cuja maioria de religiosos é católica e/ou cristã, não podemos simplesmente ignorar que outras religiões também fazem parte das suas culturas e que há grupos a serem considerados que não compartilham necessariamente as mesmas crenças do resto da população. Isto significa que uma escola que opta por uma determinada religião, acaba por entrar em conflito ideológico com aquela que o aluno traz de casa. Haveria então não mais um simples diálogo, mas um confronto de ideias.

“Podemos considerar ainda a ocorrência do facto de que se teme que a criança, não tendo um acompanhamento religioso formal dentro do ambiente escolar, possa acabar por desvirtualizar os códigos de conduta vigente”

E como estamos a tratar de crianças, pessoas que estão no início da criação dos seus valores e conceitos, este conflito pode não ser tão produtivo. As suas mentes ficariam confusas e as divergências não seriam tão facilmente compreendidas.

Não se pode também deixar de pensar que escolher uma religião em virtude de outras, acaba por determinar o pensamento do aluno ao longo dos anos, deixando de lado o que mais à frente será a sua liberdade de pensamento. O indivíduo chegará então à adolescência e à fase mais adulta já tendo sido os seus valores individuais impostos, enquanto o seu espírito crítico ainda não mostrava grandes forças quando mais novo. E não se deve desconsiderar o facto de que, ao contrário da ciência, as religiões não se configuram como saberes absolutos (ainda que algumas se julguem como tal) e não são necessariamente compartilhadas igualmente por todos em uma comunidade. As religiões e cada uma das suas peculiaridades actuam como um grande leque de opções dentre as quais deve o indivíduo ter o direito de optar por uma. Além do mais, há uma grande diferença entre os caminhos percorridos para se chegar a uma formação intelectual, *i. e.*, todo o percurso de aprendizagem da escola; e para se chegar a um conhecimento religioso e/ou a uma inserção dentro de uma instituição religiosa. Este último, pode ser sem maiores problemas traçado quando o indivíduo já estiver com a sua formação escolar concluída, e por conseguinte, o seu espírito crítico desenvolvido, que o permitirá escolher aquilo que mais se adequar aos seus pensamentos e características. Além de que, para fazer parte de um determinado grupo religioso não é necessário ter estudado num colégio dessa religião. Portanto, a ausência de um ensino religioso não impede que o indivíduo possa escolher uma crença, pelo contrário, permite que seja feita de facto uma opção, e não uma imposição.

O leitor a este ponto poderia questionar: mas por que não uma proposta de ensino religioso que desse conta de ensinar não uma, mas diversas religiões? De facto, a princípio parece ser uma boa ideia. Entretanto, restam ainda outros pontos. Quais seriam os profissionais encarregados pela função de passar um conteúdo geral das religiões? Que tipo de formação teriam eles, uma vez que os cursos de teologia da grande maioria das universidades, até onde sei, possuem um foco especificamente cristão? Como seria ministrado o

conteúdo a um professor de religião de forma a capacitá-lo a tecer comentários sobre uma grande parte das religiões? E ainda que assim o fosse, quais seriam estas religiões? Escolher-se-iam somente as de maior público? Ora, cáímos no problema descrito anteriormente, limitariamos o pensamento do aluno. E ainda que de uma forma bem generalizada pudesse ser abrangido um número satisfatório de religiões, como evitar uma possível parcialidade por conta de um professor, visto que muitas vezes estão as religiões inclinadas a transmitir determinados conceitos que acabam por invalidar os das outras? Seria possível manter uma neutralidade tal a ponto de não promover o ensino religioso de forma tendenciosa? Definitivamente, penso que não. Podemos compreender isto sem precisar ir muito fundo, basta tomarmos o próprio cristianismo como exemplo. A própria doutrina em si considera-se como a única válida. Sendo o educador um cristão, como poderia ele alegar que todas as outras religiões que são ensinadas seriam igualmente válidas? É difícil de crer. E novamente, tendo compreendido estes motivos, poderíamos dizer que a liberdade do indivíduo seria de certa forma talhada, e sem necessidade.

Considerando tudo o que foi dito até então, podemos perceber que (embora não necessariamente) a formação moral de um indivíduo inserido numa sociedade depende de um encaminhamento religioso. A escola pode e deve fornecer os conhecimentos científicos aos seus alunos ao longo dos anos de aprendizagem, bem como instruí-lo a ser um cidadão ciente de seus direitos e deveres para com todo o resto da sociedade. Enquanto que a adopção de uma doutrina religiosa corre sérios riscos de não se dar de forma imparcial e neutra, determinando assim boa parte do pensamento de crianças e adolescentes. Quando na verdade se espera que a escola, enquanto agente construtor do pensamento do indivíduo, fomente nele o espírito crítico que lhe conceda autonomia, para que no futuro esteja assegurada a sua liberdade de escolha.

Tendo sido feitos os comentários no que diz respeito à escola e à sua relação com a religião, convém agora voltarmos os nossos olhos para o Satanismo. De que forma poderia ele auxiliar na formação do indivíduo na sua etapa inicial de vida? Há elementos religiosos a serem considerados neste processo?

Quem se dispuser a pensar nas questões aqui levantadas e possuir conhecimento acerca das palavras da



Bíblia Satânica e de outros pensadores que ergueram a sua voz em nome do Satanismo, reconhecerá que há pontos fundamentais na nossa religião que podem ser facilmente relacionados com o tema central do texto. Isto significa que a resposta para as perguntas anteriores é, seguramente, sim.

É de fácil percepção, ainda que apenas numa leitura superficial, que o Satanismo tem como um dos seus fundamentos a valorização do “eu”. Mais do que uma simples egolatria, *i.e.*, simplesmente colocá-lo num pedestal, um verdadeiro Satanista compreende que para ser reconhecido e admirado, principalmente por si mesmo, é preciso desprender todo o labor possível para que a sua vida e o seu pensamento se mantenham em constante renovação, num ininterrupto movimento. Ainda que para muitos o tempo simplesmente passe, para o Satanista cada minuto, hora e dia é um período em potencial para nos estarmos sempre a apriorar, de acordo com as nossas metas, objectivos e capacidades. Tudo isto parece muito simples, mas requer todo um esforço e atenção constante, o que nem todos são capazes de realizar, e o Satanismo não deixa isto de lado. Da mesma forma, bem como respeitamos a liberdade do “eu”, não poderíamos deixar de lado a liberdade do “outro”. Respeitamos as opções alheias, e não precisamos “salvar” ninguém a partir das nossas ideias. Temos também, por parte do Satanismo, uma

crença dependente de fé relativamente controlada, sendo grande parte dos nossos preceitos baseados em proposições de conduta. De tal forma respeitamos e valorizamos os conhecimentos produzidos pelo ser humano.

Estas características destacadas constituem-se então como elementos plenamente adequados ao processo educacional. O que nos permite concluir alguns pontos. Uma criança à qual sejam expostos tais valores, seguramente vai reconhecer a importância do seu desenvolvimento intelectual, que num primeiro momento será compreendido apenas como uma “descoberta do mundo”. Esta mesma criança também aprenderá a reconhecer no pensamento alheio distinto ao seu a liberdade individual de cada um, trazendo desde cedo o respeito às diferentes crenças e ideias, algo que em demasiavemos em falta nos nossos tempos. Por fim, não será ela limitada por ideias fantasiosas e míticas e reconhecerá naquilo que lhe é passado na escola a fonte primeira de conhecimento.

Caberá então aos pais e responsáveis que têm o Satanismo como a sua religião optar pela forma como os preceitos religiosos serão transmitidos aos seus filhos. Tanto se pode expô-los ao título religioso, compartilhando ideias e crenças específicas, assim como os privando de tais. Poder-se-ia argumentar

que uma criação influenciadamente Satanista tenderia ao mesmo erro descrito nos primeiros parágrafos deste texto, que é o de determinar o pensamento da criança. Mas ora, se são nossos filhos, como pais naturalmente desejamos o melhor para eles, e escolhê-lo cabe a cada um. Inexoravelmente há-de ser uma coisa em função de outras, mas trata-se da relação entre pais e filhos e não escola e alunos. Transmitiremos aquilo que consideramos como válido, aquilo que para nós é satisfatório e que também poderá ser para os nossos filhos. E ainda que não sigam eles de forma integral o Satanismo, este ter-lhes-á mostrado que sempre terão a possibilidade de escolha, e que não há caminhos únicos a todos, mas sim rumos pessoais. E naturalmente, não se colocarão os pais contrários às suas escolhas, por respeitarem as suas individualidades, construídas de forma livre, sem amarras morais nem repreensões ideológicas.

Com base em todo o exposto, posso concluir reafirmando que a escola não depende da religião e que o seu processo pedagógico pode ocorrer sem que haja a necessidade de qualquer doutrinação específica. Compreende-se também que o Satanismo por sua vez pode oferecer a sua contribuição no processo de desenvolvimento da criança, e que este ocorrerá de acordo com a escolha dos seus pais ou responsáveis. O que cabe dizer por fim é que é mais que necessário reflectir sobre a forma como aos poucos vão lapidando o nosso pensamento ao longo dos primeiros anos de vida. Reconhecendo isto podemos actuar na educação dos nossos filhos para que, transmitindo aquilo que nos é válido, possa tal ser também a eles.

A reflexão sobre o tema não se encerra por aqui, e naturalmente opiniões divergentes surgirão. De igual modo, muitos poderão reconhecer no Satanismo muitas outras influências positivas e negativas para a educação de uma criança. O que com certeza será comum a todos, será o facto de não medirmos esforços para concedermos o melhor aos nossos descendentes. •



“Caberá então aos pais e responsáveis que têm o Satanismo como a sua religião optar pela forma como os preceitos religiosos serão transmitidos aos seus filhos.”





Vitor Rodrigues

Penso, logo não sou estúpido

Lurker & Black Lotus

Depois de ler os livros do Professor Vitor Rodrigues e fazer uma apresentação dos mesmos nesta revista, era de extrema importância conhecer melhor o homem por detrás de obras tão ímpares como Teoria Geral da Estupidez Humana. As ideias apresentadas na sua trilogia tornam-nos curiosos acerca da personalidade deste autor e as palavras que se seguem não nos desiludem! Um homem inquiridor da sociedade em que se insere e mesmo sujeitando-se a uma certa solidão continua a lutar pelos seus ideais.



Os seus livros sobre estupidologia são extraordinários! A ironia, sátira e depois os exemplos práticos do cidadão E fazem-nos pensar e ao mesmo tempo sorrir.

Já são livros que foram editados há algum tempo, mas pode dizer qual a reacção que teve do público aquando da sua edição?

A reacção na altura das edições foi relativamente pequena em termos de contactos directos; no entanto houve muito interesse por jornalistas e as livrarias referiram uma procura importante. Com o passar do tempo, acabei por verificar que muitas pessoas tinham lido e apreciado e algumas mostravam-se agradavelmente surpreendidas ao conhecerem-me e verificarem que afinal era o Vítor Rodrigues que tinha escrito aqueles livros.

Qual foi a sua principal motivação para a escrita desses livros?

Sempre me lembro de reflectir criticamente sobre mim mesmo e sobre a Humanidade a que pertencço. Também tenho verificado que a Religião católica, entre outras, deixou muitas pessoas com uma quase alergia a moralismos e, infelizmente, à Ética. Escrever esses livros foi uma forma de incitar à reflexão de modo leve mas, na medida do possível, fazendo pensar acerca do comportamento que nós, humanos, costumamos ter.

Acha que cumpriu o seu objectivo, ou ficou aquém das suas expectativas?

Bem... o primeiro livro fez cinco edições, a segundo somente vendeu aí uns 1700 a 1800 exemplares. Para um escritor com certa ambição é relativamente pouco. Cumprí algumas expectativas, nomeadamente em termos de adesão pelo público, mas não todas. E há sempre aquela ideia de contribuir para um mundo melhor. Ora, se olharmos em redor, verificaremos que o mundo anda (continua) bastante mal. Por exemplo, sabemos que os criadores de gado são mais responsáveis pela desertificação e aquecimento global do que os próprios produtores de automóveis. Sabemos que a replantação massiva de árvores é urgente e que seria igualmente urgente, para bem da sobrevivência da humanidade, tomar medidas agressivas contra a poluição global, ensinar as pessoas a limpar além de reciclar, a pensar “verde”. Seria preciso controlar os mass media e os meios publicitários e obrigar a incitar a consumos ecológica e socialmente responsáveis. Porém os “poderosos” do mundo preferem seguir as normas estupidológicas e fechar a mente a tais

coisas. Talvez afinal tenham lido os meus livros e aprendido neles a pior parte...

Como se sente numa sociedade maioritariamente preenchida por “estúpidos”? Sente-se a sufocar? Como lida com essa situação?

O tempo e a experiência ensinaram-me que injeção do Cristo de “quem não tiver pecado, atire a primeira pedra”, tem muitas aplicações em mim mesmo. Conheço a estupidez por auto-observação e isso ajuda-me a sentir-me, mais do que tudo, solidário e compreensivo. Claro, falta-me, por vezes, paciência mas tento zangar-me com a estupidez e não com os estúpidos. Às vezes, uma pessoa aparentemente velhaca, imoral ou amoral, capaz de preencher rigorosamente os critérios estupidológicos, escreve direito por linhas tortas e contribui mais para o desenvolvimento de uma sociedade melhor do que muitos pregadores cheios de morais e supostos bons comportamentos (claro, frequentemente com uma rigidez que os torna parecidos com os robots do nosso imaginário). O pior, mesmo assim, é a solidão. São relativamente escassos os que tentam lutar pela Inteligência e disso eu não posso abdicar.

Quais são para si os filósofos /pensadores de referência?

Tem variado um pouco, com o velho Platão quase sempre em pano de fundo. Embora ignorante nas áreas filosóficas, admito ter recebido algumas influências ocidentais de Hegel, Husserl, Kant, Nietzsche. Por outro lado, simpatizo muito com escritos mais orientais como os de Aurobindo, Vivekananda, alguns clássicos budistas

“São relativamente escassos os que tentam lutar pela Inteligência e disso eu não posso abdicar.”

como A Via do Bodhisattva ou outros mais recentes como Shamballa, a Via Secreta do Guerreiro. Por outro lado, recebi uma clara influência de muita literatura Teosófica (Leadbeater, Annie Besant, Helena Blavatsky, Jinarajadasa), da Escola Arcana de Alice Bailey, alguns escritos de Rudolf Steiner, Pietro Ubaldi... Se reparar bem, em tudo isto encontrará pontos comuns: autores que apontam para um homem que é metafísico além de físico, um homem que pode superar-se, uma humanidade que é promessa de si própria...

Quais são os seus interesses/hobbies?

Leitura, cinema, escrita (claro), artes marciais (pratico karaté há muito, como meio de manter a forma mas também como fonte de alguns ensinamentos importantes. Ideias antigas, como a da mente sã em corpo são), fotografia, viagens. Também adoro preparar conferências ou oficinas, nomeadamente ao elaborar apresentações (que, para mim, comportam um lado artístico). No geral, interessam-me muitíssimo todos os conhecimentos referentes à essência dos seres humanos e ao modo de ir mais longe.





Como vê a sociedade mundial atualmente?

Como responder a isso sem recorrer a alguns palavões? Desequilibrada quanto ao uso dos recursos; pateta alegre mais do que feliz; negadora de dificuldades ou sofrimentos mais do que realista ou responsável; caminhando para vários abismos mas a ritmos “Pop”, “Funky” ou outras coisas com batida forte; estúpida por fugir da solidariedade, da cooperação, da partilha de recursos e outras coisas inteligentes (não deve ser por acaso que os políticos parecem não saber falar de Amor); superficial, adoradora de pessoas ocas com pés de barro, muitos implantes e melhoramentos de fachada; centrada

no Ter e no Aparente em lugar do Ser e do Essencial; competitiva, desenfreada, desgovernada, impiedosa. A sociedade actual, para parafrasear um amigo, converteu-se num navio sem alma e sem comandante cuja única finalidade é continuar a navegar a todo o custo, da mesma maneira e com o mesmo rumo, apesar dos icebergues à vista e de estar a meter água por todos os lados.

A religião sempre exerceu grande domínio sobre o homem. Acha que será possível uma sociedade ateaísta? O que mudaria na maneira de agir?

Isso seria a suprema desgraça. Não é por acaso que neste momento se assiste ao renascer das buscas espirituais e das demandas de significado um pouco por todo o lado. Uma sociedade plenamente ateaísta significaria, creio, cada vez mais do mesmo que nos tem aproximado de abismos ultramaterialistas e a que aludo acima. Como diria São Paulo, iríamos “comer e beber, que amanhã morreremos”; agarrar todos os nacos possíveis para nós em detrimento dos outros, praticar o Darwinismo social no seu extremo mais negro, tender para a Eugenia, o egoísmo socialmente idolatrado... Penso que as possibilidades de uma socieda-



de plenamente materialista sobreviver alguns anos, neste momento em que até eu posso facilmente montar armas de destruição de massas numa cave, são praticamente nulas. A não ser que o pesadelo Orweliano seja levado ainda muito mais longe do que os receios de George Orwel. Nesse caso, talvez a sociedade sobreviva, mas estará longe de ser humana.

Como vê o povo português em relação ao resto do mundo? Estamos equiparados ou há um fosso na nossa maneira de pensar e agir?

Penso que somos, como todos os outros povos, simplesmente um outro agrupamento humano... com a particularidade de estarmos marcados pela saudade dos tempos em que éramos um povo inspirado e pelo fado de termos sido abafados por algumas inquisições, traídos em certos ideais, levados a acreditar que as melhores coisas vêm de fora, como a pimenta das Índias. Falta-nos reencontrar a Alma lusitana.

O que mudaria na nossa maneira de ser lusitana?

A tendência para a inveja e a descrença no produto nacional, para começar.


“Claro, falta-me, por vezes, paciência mas tento zangar-me com a estupidez e não com os estúpidos.”




Para si qual foi a maior conquista da humanidade até agora? E qual a sua maior derrota?

Penso que todas as conquistas maiores da Humanidade têm sido feitas em expansão de consciência e espírito universalista e de Amor, por isso tenho dificuldade em definir um momento chave. Ocorrem-me épocas, como o Século de Péricles ou o Renascimento. Marcos arquitectónicos, como as grandes catedrais, as pirâmides, ou musicais, como as grandes sinfonias. Passa-se o mesmo para as derrotas, constituídas sobretudo por momentos de apogeu da separatividade e, de certo modo, da psicopatia. Momentos de crueldade extrema e massiva, como os massacres da Inquisição ou o Holocausto ou, recentemente, as chacinas no Ruanda.

Enumere 5 características que devam ser inerentes a qualquer ser humano.

Inteligência emocional, saúde física e mental, consciência sistemática de si mesmo, capacidade para se distanciar/desapegar face à identidade pessoal e Amor.

Muitas têm sido as pessoas a procurá-lo em palestras e workshops. Acha que faz realmente a diferença?

Não passo de mais uma pessoa com boa vontade, que partilha aquilo que tem conseguido obter. Na minha pequena escala, tento contribuir. Algumas pessoas têm-se mostrado gratas e isso é sempre confortante. No entanto identifico-me com a ideia de que a um guerreiro compete lutar bem e desapegar-se dos resultados.

As pessoas que falam consigo parecem-lhe confusas com a dimensão do seu discurso, ou acha que há muita gente a querer mudar a sua maneira de estar na vida?

Tenho encontrado um número aparentemente crescente de pessoas que procuram mudar e sentem que alguma coisa está muito errada com os ideais de vida propalados pelos mass media e pelas instâncias políticas e económicas. Quando procuro partilhar os meus pontos de vista, costumo ter a sensação de que são razoavelmente bem compreendidos. No entanto é evidente que muitas pessoas não me acompanham quando vou mais longe na subtilidade metafísica...

O que lhe reserva o futuro? Quais os projectos em que se encontra a trabalhar actualmente?

Tenho procurado desenvolver um



projecto junto de líderes religiosos, levando-os a responder a questões sobre a Humanidade e a natureza humana, mas por agora tem sido muito difícil conseguir respostas. No futuro espero poder levar mais longe a prática meditativa e talvez conseguir juntar artigos de qualidade e publicar um livro sobre a espiritualidade europeia.

Vai editar algum livro brevemente? Qual a temática abordada?

Está pronto um livro chamado Um Anjo na Babilónia. Trata-se de algumas narrativas breves de um anjo que tenta fazer o que pode por esta Humanidade, com comentários intercalados de Deus-Mãe, do Diabo, do Anjo da Morte e de um fantasma...

Poderá voltar novamente à matéria da estupidologia, ou algo relacionado? Ou por outro lado pensa que é um assunto encerrado, para si?

Por agora não planeio voltar directamente a essa temática embora o livro de que falei anteriormente tenha muito a ver.

Qual seria a temática que gostaria de abordar num livro, mas ainda não teve oportunidade para tal?

Há outro projecto em curso, um romance, mas exige bastante tempo/disponibilidade. Claro, não se trata propriamente de um romance ligeiro veiculando mensagens do tipo: “devemos preocupar-nos com a maquilhagem” ou “os verdadeiros heróis são bonitos e têm automóveis velozes”.

Esta edição da nossa revista é dedicada ao ensino, por isso, estando o professor por dentro do ensino universitário, não podemos deixar de focar esta temática.

Encontra-se actualmente a leccionar?

Neste momento não estou a leccionar em termos sistemáticos embora costume levar a cabo algumas formações na forma de conferências e workshops ou módulos de cursos. Ensinei Psicologia Educacional e Pedagogia, a nível universitário, durante 16 anos.

Como vê o ensino na actualidade?

Incompleto, cheio de valores de referência falsos, preparando adequadamente cidadãos... para uma sociedade podre e vazia. Perdendo de vista que o melhor e principal factor definidor dos seres humanos é a consciência de si mesmos, a consciência existencial, e que muito poderia e deveria ser trabalhado a partir daí.

Com o facilitismo que se tem verificado ao nível do ensino básico e secundário, tem notado uma preparação

“(...)os “poderosos” do mundo preferem seguir as normas estupidológicas e fechar a mente (...). Talvez afinal tenham lido os meus livros e aprendido neles a pior parte...”



diferente dos alunos que chegam à sua sala de aula?

Retrospectivamente, impressionou-me terrivelmente ver chegar até mim alguns professores de Português prospectivos ou em exercício que não conseguiam escrever minimamente bem, faziam erros sistemáticos de pontuação (quando ela existia). Ou alunos de História que não reflectiam criticamente sobre dados documentais. Penso que, de facto, a preocupação dos políticos com estatísticas para CE ver tem dado maus frutos.

Considera que há algum facilitismo, ou talvez uma diminuição do nível de exigência ao nível do ensino universitário?

Até onde tenho observado, também no ensino universitário se faz sentir, cada vez mais, o peso da lógica economicista, dos jogos de interesses entre departamentos, da competição. Por isso, mais do que salvaguardar e promover a Cultura, as universidades tendem a gerir-se por interesses económicos quando não pela simples luta pela sobrevivência. Isso anula, pelo menos parcialmente, a lógica da ideia clássica da Uni-versitas e substitui-lhe interesses como o de apresentar estatísticas bonitas, agradar aos clientes...

Ao longo dos seus anos no ensino parece-lhe que as mentes que lhe chegam agora são mais abertas e inquiridoras em comparação com anos anteriores? Ou passa-se exactamente o contrário?

Embora momentaneamente afastado do ensino universitário, nos cerca de 17 anos em que leccionei parece-me haver tendência para menos exuberância, menos brilhantismo, mais conformismo, menos curiosidade, menos ousadia e mais memorização sem reflexão. Com belas excepções, claro.

Sente-se motivado na sua tarefa de professor, ou fica com a sensação que fala para uma plateia oca?

Sinto-me sempre motivado e nunca tive realmente a sensação de que a plateia era oca. A minha maior preocupação foi sempre a de encontrar mensagens correctas ética e tecnicamente e de adequá-las à audiência.

Que lição/lições de vida é que os seus alunos deviam adquirir no final do seu curso?

Idealmente valorizariam mais o respeito mútuo, a partilha séria, a consideração do outro como ser de consciência ou, noutros termos, alma vivente. Aprenderiam a confiar profundamente no seu potencial e nos rei-

nos de sabedoria que podem encontrar neles mesmos.

Indique, explicando as razões da sua escolha:

- 3 livros que o marcaram:

A Luz da Ásia, de Edwin Arnold. Pela forma poética opulenta e inspiradora com que retrata a vida de Gautama Buda e um pouco da sua doutrina;

Zanoni, de Bulwer Litton, pelo modo como descreve a vida e o fogo interior de um Iniciado envolvido nos tempos da Revolução Francesa, solitário e corajoso além de sábio;

Luz no Caminho, de Mabel Collins, pelo modo sintético e harmonioso como retrata as durezas e dilemas do percurso místico/iniciático.

- 3 livros que recomenda a sua leitura:

Podem ser os mesmos. No entanto ocorrem-me outros, como O Pincipezinho, de Saint-Exupéry ou, bem diferente, The Future of the Body, de Michael Murphy ou simplesmente peças de Shakespeare como Henrique V, Macbeth, Hamlet...

- 3 filmes que considera que todos devemos ver:

Casablanca, pelo idealismo e pela beleza geral;

Excalibur, versão de John Boorman, pela riqueza simbólica e pela beleza (também musical) em torno da lenda Arturiana;

A Man for all Seasons (Um Homem para a Eternidade) pela construção sólida em torno da grandeza de carácter de Thomas Moore.

Algumas palavras finais para os nossos leitores...

Gosto muito de Fernando Pessoa, nomeadamente quando diz que "Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena". Este mundo está em crise e podemos aproveitá-la para ousarmos fazer-nos cidadãos do mundo alternativo que pretendemos alcançar. O preço é a solidão mas só assim poderemos chegar a dá-lo à Luz... ●

“[o ensino] Incompleto, cheio de valores de referência falsos, preparando adequadamente cidadãos... para uma sociedade podre e vazia. Perdendo de vista que o melhor e principal factor definidor dos seres humanos é a consciência de si mesmos (...)”





BOLONHA *10 Anos depois*

Metzli

O Processo de Bolonha entrou na minha vida (ainda que de forma mais ou menos indirecta) corria o ano de 2007. Lembro-me de toda a comunidade académica onde me inseria ter acordado de um sonho para encarar aquela que era já a realidade de outras comunidades pouco distantes.

Em Maio de 1998, quatro Estados Europeus assinaram a Declaração de Sorbonne, que iria, um ano mais tarde, dar lugar à Declaração de Bolonha. Este documento foi assinado já por um total de 26 Estados Europeus, de entre os quais Portugal. Passaram 10 anos e neste momento são já 46 Estados a fazer parte deste modelo de Ensino.

O que se pretende com a vasta implementação do Processo de Bolonha é a criação de um Espaço Europeu de Ensino Superior, onde a mobilidade dos estudantes e dos recém-formados seja mais facilitada, permitindo a sua integração em qualquer mercado de trabalho europeu. A formação académica de profissionais tem como objectivo uma formação *standard* em todos os Estados associados, com componentes teóricas de menor peso no percurso académico e uma aposta visível nas aplicações práticas dos conhecimentos.

No entanto, o que se pede aos alunos do ensino superior (português) no seguimento da Declaração de Bolonha é mais do que deixar de ter disciplinas teóricas e substituí-las por práticas. O que se pretende é que cada aluno construa o seu próprio percurso, tendo nos professores orientadores. Volta-se assim a um paradigma de educação baseado em tutores, que são interpelados por alunos de uma forma mais pessoal e personalizada.

O Ensino Superior passa então a ser mais voltado para os trabalhos de investigação pessoal, com orientação dedicada. Dez anos depois da assinatura da Declaração de Bolonha, Portugal continua num caminho ainda longe deste trilha imaginado. Apesar do Processo de Bolonha estar totalmente implementado ou em fase final de implementação na maioria das universidades nacionais, a realidade que se vive em cada instituição fica aquém das expectativas iniciais.

Por um lado, em alguns casos a implementação do Processo ocorreu apenas a título nominal e na reestruturação curricular dos cursos, sendo o método de avaliação o mesmo. Por outro lado, nas instituições onde ocorreram alterações de método de avaliação, denota-se debilidade na formação dos docentes, principalmente dos mais antigos, para este tipo de mudanças.

Quer numa ou noutra situação a responsabilidade, a atribuir a alguém, não pode ser inteiramente das instituições, mas também do Governo, por falta de apoio, de informação e de acompanhamento. Os alunos que ingressaram ainda no ensino superior antes da implementação dos no-



vos processos, esses foram apanhados numa fase de transição, confusa para ambas as partes.



A consequência mais visível e imediata da implementação do Processo de Bolonha chega-nos sob duas formas: a divisão do ensino superior em dois ciclos e a criação dos designados Mestrados Integrados. De uma forma muito sumária e fria, aquilo que conhecíamos como Licenciatura passa a ter o mesmo valor do anterior Bacharelato, e o Mestrado passa a assumir a importância da Licenciatura.

A implicação mais grave destes factos passa a ser a forma como são vistos os formados antes de Bolonha. Os Licenciados passam a ser vistos como profissionais não tão qualificados e os Mestres experimentam uma desvalorização da sua formação. Banaliza-se o título de Mestre e a procura deste grau de qualificação deixa de ser uma escolha e passa a ser antes quase uma obrigação.

No caso concreto da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) a análise desta situação é clara. Antes de Bolonha a Licenciatura tinha 5 anos e o Mestrado 2. Neste momento, o equivalente à anterior Licenciatura tem 3 anos, e o 2º Ciclo, que corresponderia ao Mestrado, dois. Um aluno actual em 5 anos sai com o mesmo conhecimento que um anterior, mas com

o título de Mestre, que o anterior só teria ao final de 7 anos de estudo.

A Declaração de Bolonha, que surgiu numa tentativa da Europa responder de forma competitiva ao desenvolvimento assistido na América e na Ásia, está de certa forma a enfraquecer o método de ensino português, e vem nivelar por baixo o nível de exigência no Ensino Superior, embora tenha o objectivo oposto.


A Declaração de Bolonha, que surgiu numa tentativa de Europa responder de forma competitiva ao desenvolvimento assistido na América e na Ásia, está de certa forma a enfraquecer o método de ensino português.




António Augusto Sousa, director do curso Mestrado Integrado em Engenharia Informática e Computadores (MIEIC) da FEUP, fala das alterações que o processo de Bolonha veio trazer. *“Era LEIC [Licenciatura em Engenharia Informática e Computação] e passou para MIEIC. Mudou de nome. (...) O MIEIC não sofreu muitas alterações... A mudança vinha sendo preparada há já alguns anos e o modelo, em várias das suas vertentes, já se encontrava em prática”,* afirma.

Para Augusto Sousa o que houve foi uma tentativa de oferecer uma formação mais profunda no 1º Ciclo, embora não haja um incentivo à frequência apenas do 1º Ciclo, uma vez que tendo a designação de Mestrado Integrado, apostam nos dois ciclos.

Na mesma instituição, contudo, os Mestrados já existentes para serem homologados no âmbito do Processo de Bolonha tiveram de sofrer algumas alterações, sendo a mais significativa (para os alunos, mas também para os professores) a falta de flexibilidade

nas datas de entrega das Dissertações finais. *“Antes os prazos eram mais flexíveis o que permitia distribuir mais o trabalho no tempo. Agora são muito rígidos o que provoca picos muito intensos de trabalho e prejudica o acompanhamento dos estudantes pelos orientadores”,* salienta Eurico Carrapatoso, director do Mestrado em Multimédia (MM).

A FEUP é um espelho do que foi a implementação do Processo de Bolonha em toda a Universidade do Porto. Apesar de existirem cursos onde o modelo de ensino já vinha a ser implementado, na maioria dos casos, as alterações ocorreram de um ano lectivo para o seguinte.

Todas as instituições nacionais de Ensino Superior, no momento da implementação do Processo de Bolonha abandonaram por completo o modelo de ensino anterior, excepção feita apenas aos alunos no último ano da Licenciatura do modelo antigo. Maria de Lurdes Correia Fernandes, vice-reitora da Universidade do Porto, em

declarações ao jornal online Jornalismo Porto Net (JPN), afirma que *“Era muito mais custoso manter o velho sistema em simultâneo com o novo”*.

Telma Santos, estudante do 1º ciclo do curso de Química da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP), considera que o seu curso em vez de estar mais prático ainda tem mais teoria. *“A única coisa que temos mais são exercícios sobre essa teoria”,* afirma. O seu curso, no ano em que ingressou no Ensino Superior, encontrava-se numa fase pré-Bolonha, na qual já havia a preocupação de fazer equivalências entre as disciplinas num e noutro modelo de ensino.

“Mesmo assim, o arranque do meu segundo ano foi muito complicado, acabando as aulas por começar bem mais tarde, uma vez que ainda não estava tudo adequado ao Processo de Bolonha”. No curso de Ciências da Comunicação: Jornalismo, Assessoria e Multimédia, anteriormente designado por Jornalismo e Ciências da Comunicação, a transição para o Bolonha também não foi simples.

Que o diga Mário Filipe, estudante do penúltimo ano da licenciatura aquando da implementação. Mário viu-se obrigado, após várias deslocações à secretaria do curso (onde lhe eram dadas de todas as vezes novas respostas às questões de sempre) e de 7 inscrições (6 das quais anuladas devido a erros nas equivalências entre as disciplinas feitas e por fazer ao novo método, o que implicava sempre uma nova inscrição), a fazer mais dois anos de Licenciatura do que aqueles com que contava.

Telma acredita que o Processo de Bolonha só veio acrescentar mais trabalho, quer aos alunos quer aos professores, e realça que se esqueceram os trabalhadores-estudantes. Por apostar num modelo de ensino que exige dos alunos maior dedicação, torna-se difícil a um trabalhador-estudante conseguir conciliar a sua actividade profes-

“O Processo de Bolonha entrou na minha vida (ainda que de forma mais ou menos indirecta) corria o ano de 2007. Por um rasgo de sorte terminei a minha Licenciatura no preciso momento em que o Processo de Bolonha começou a ser implementado. Tudo o que me recordo e que experimentei é dos comentários de amigos que entraram depois no Ensino Superior.

Apesar de continuar neste mundo (e de ter a certeza que por cá

continuarei ainda durante muito tempo), o meu caminho foi trilhado de uma forma paralela ao do Processo de Bolonha, tendo sido afectada apenas pelos prazos associados à entrega da Dissertação, mas que nenhum impacto teve sobre mim, uma vez que nunca tinha entregue nenhuma e não tinha dados para poder fazer a comparação.

Assim, o Processo de Bolonha afectou-me muito mais noutras

áreas que não na minha formação, mas acredito que venha a influenciar, a mim e a todos aqueles que estão ou estiveram no Ensino Superior, de forma directa ou indirecta. E é por isso que considero também que devemos todos parar para pensar se é este o modelo de ensino que pretendemos para o país ou se haverá melhores possibilidades de formar os nossos jovens.”



“Às habituais manifestações anuais dos estudantes contra o valor e a forma de pagamento das propinas, junta-se agora a luta contra o Processo de Bolonha.”

sional com os estudos, o que acarreta graves consequências sociais.

Ou os estudantes optam por seguir com as suas actividades profissionais e deixam de apostar na sua formação e em empregos qualificados, ou apostam na formação. Se por um lado o estudante se entrega mais ao estudo e à investigação e entra mais tarde no mercado de trabalho, por outro lado demora também mais tempo a conquistar a sua independência e a contribuir de forma mais activa em todos os sectores sócio-culturais.

“A Licenciatura já não chega. Tens de tirar um Mestrado obrigatoriamente e isso vai fazer com que penses nos outros aspectos da vida mais tarde”, afirma Telma. A longo prazo, a população nacional, segundo as previsões actuais, estará ainda mais envelhecida.

Às habituais manifestações anuais dos estudantes contra o valor e a forma de pagamento das propinas, junta-

se agora (e já desde há algum tempo) a luta contra o Processo de Bolonha, pelo menos nos moldes em que este está a ser implementado em Portugal. Os alunos pedem mais atenção para os seus direitos. O Governo e as instituições pedem sacrifícios a curto-prazo. Maria de Lurdes Correia reconhece mesmo que os estudantes que foram apanhados na transição entre sistemas foram sacrificados (nas suas próprias palavras), mas considera que foi um mal necessário.

Eurico Carrapatoso considera que, com o Processo de Bolonha, os alunos de Mestrado mudaram, tendo agora uma formação de duração mais curta. *“Estou a falar de candidatos que concluíram o primeiro ciclo (3 anos) e procuram o MM para uma formação de segundo ciclo. Antes todos tinham uma licenciatura de 4 ou 5 anos e muitos tinham experiência profissional”* Face às exigências actuais, o Mestrado acaba por ser, mais do que um caminho desejado, um caminho obrigatório.

No entanto, nem só de tristezas vive o mundo universitário. Até os alunos mais reticentes conseguem identificar algumas vantagens neste novo paradigma de ensino. Uma dessas vantagens é o facto dos exames finais de avaliação poderem ser substituídos por avaliações através de frequências (testes) realizados ao longo do ano e que dividem assim o volume de matéria a ser estudado.

Outra vantagem, para alguns até a mais importante de todas, é a possibilidade de, mais facilmente, terem uma Licenciatura numa área e uma especialização numa outra distinta. A

valorização da interdisciplinaridade vem permitir um conhecimento mais alargado e também mais adequado à Sociedade de Informação em que vivemos.

Outra coisa não seria de esperar de uma sociedade onde a informação e o conhecimento são os bens mais apreciados e valorizados. O processo de aprendizagem arrasta-se, cada vez mais, por toda a vida do cidadão e o Processo de Bolonha vem reforçar ainda mais essa ideia. Augusto Sousa reconhece que apesar de não haver até ao momento situações em que o aluno opta pelo 1º Ciclo em informática, no caso do 2º Ciclo a situação altera-se, chegando a receber *“vários estudantes de outras escolas”* para completarem esse ciclo na FEUP.

O que o futuro reserva ao ensino Superior é uma incógnita e mesmo que obedecesse aos desejos daqueles que são, ao mesmo tempo, as personagens principais de um enredo e os visados pelos seus actos não seria mais simples, uma vez que as opiniões se dividem. Segundo as indicações governamentais, no máximo até 2010 (o que significa que é já para o ano) todas as instituições já devem funcionar em pleno segundo as directrizes da Declaração de Bolonha e não com a precariedade que se verifica neste momento...

De qualquer forma, alegrem-se os alunos universitários do Porto, que há muito cantavam *“Quero ficar sempre estudante”*, pois essa realidade está cada vez mais próxima. ●






Contra a Educação das Cavernas

B.M. Resende

Revolvem-se as entranhas filosóficas, odisseia do Ego às raízes do pensamento límpido objectivando o conhecimento como objectivo em si mesmo, à prática da consciência enquanto cerne do indivíduo, em modus operandi inexistente, contra a formação intelectual e emotiva, derivados educacionais em folhagens pluriformes à vista da incognoscibilidade do tronco comum de raízes bem espalhadas na ideologia, campo de ideias, Platão.





É Sócrates o messias do abstracto? Platão segue o apostolado das causas ininteligíveis, divinização do pensamento fantasmagórico sedento da claustrofobia de uma caverna, da vida impraticável submetida à catadupa das ideias do invisível, é a meditação sem neurónios, o desejo do nada sem um corpo, e a matéria? Construída *a priori*, invólucro da ideia dos genocídios individuais, surge a alma, histerismo do invisível, propagação do inerte, e porque o pensamento se diz em evolução? Minúcia do pensamento inconsequente, *glamour* do abstracto, epopeia das ideologias não concretizáveis, estado de pensamento formatado preso ao processamento do educacional, o rio de exoterismo que banha os desatentos religiosos socráticos, cristãos, discípulos platônicos, paulistas. Esoterismo? Fantasmas em prateleira. Existencialismo puro? Mera construção teórica, pouco praticável porque hedonisticamente materialista, absorvida no cardápio do ideário, presa à platónica caverna. Educar é revolucionar aqui e agora, o contrário é fumo.

Espremidas as laranjas o sumo é escorrido, para o esgoto, ódio ao corpo, impraticáveis actos puros de existencialismo, o desejo é o inimigo da lei, o relativismo é a lei da inexistência da lei, e o cérebro consciente é insubmisso às ideias que pairam acima de si, caos enquanto primordialmente, desformatação, o fumo intenso é substituído pela claridade hedonista, materializa-se o desejo, rejuvenescimento individual, o prazer é objectivo de existência no aqui e agora, nivelado ao limiar da altura da consciência, e o institucional? Inimigo



da verdade, a única, a do Eu. Institucionalização educacional? Inimigo em potência, elitista como a escola platónica, exotérica, organização de massas, hierarquia que promove os membros que melhor a mantenham, tecem-se as teias sociais, deriva a palavra, a escrita, para o aprisionamento massivo no burocrático, no administrativo, na prática do conhecimento fútil e brutalmente periférico à existência, simulacros de enriquecimento individual que abundam, o exoterismo emanado dos gabinetes, ao paralelo do elitismo escolástico platónico, ideias em catadupa para a não concretização Humana, e o indivíduo entregue à irracionalidade de si mesmo, raciocínio social, inconsciência do desejo, tentação e castração, derivados ao produto fútil, medicamento para a frustração, e o mundo das ideias recorre ao teatro, dentro da caverna platónica enaltece-se como verdade única.

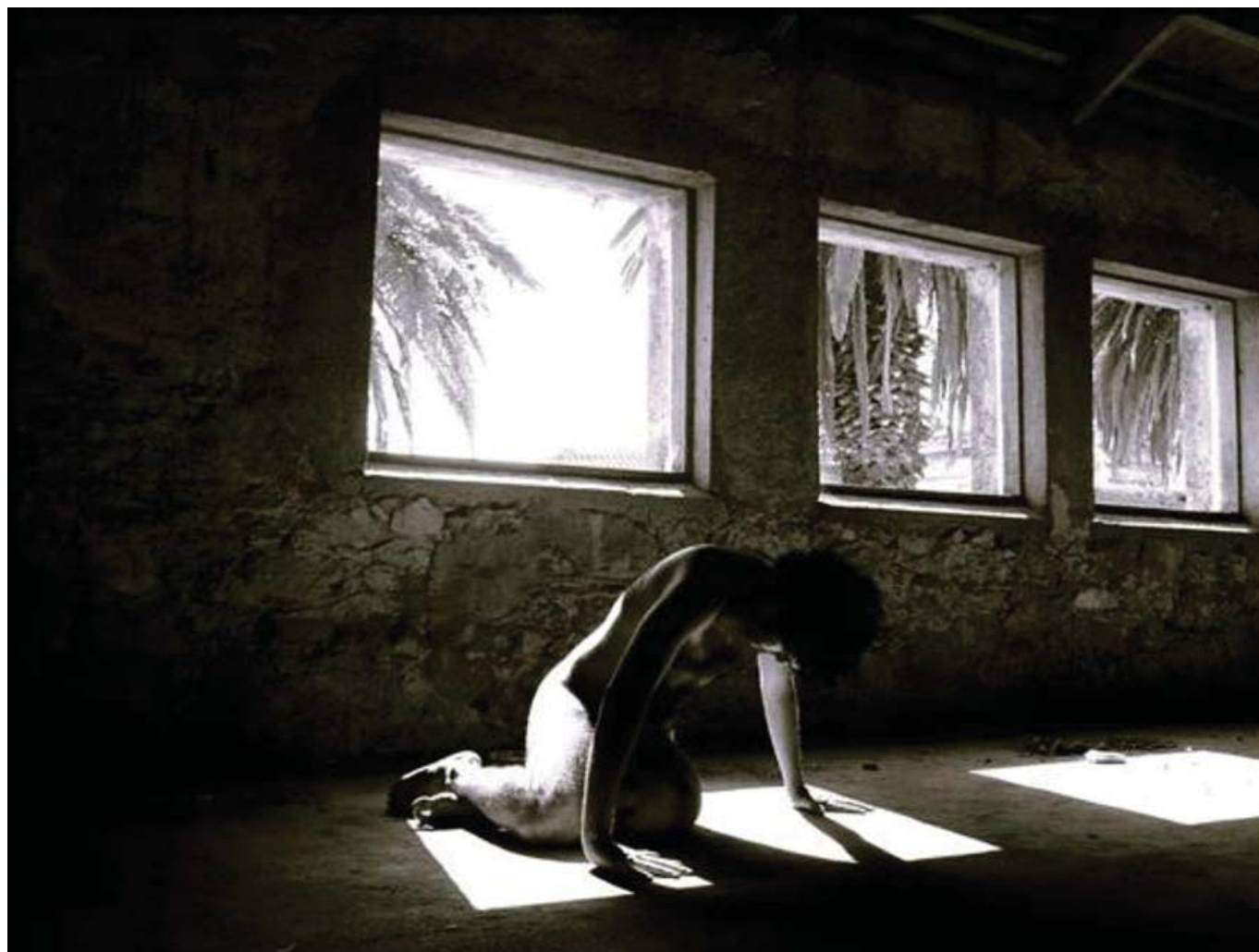
Suprimido ego na ideologia, formatação *a priori* por papéis sociais, o cidadão, o contribuinte, o cliente, o cristão, o pai, a mãe, simulacro familiar por consanguinidade, afectividade e pulsão do desejo inertes ao poderio da escolástica cristianizada, o Eu e o Outro forçados à existência no invólucro emanado pela elite dominadora, reestruturações de máscaras em causa e consequência, miopia aguda para o centro das coordenadas, o indivíduo. E as instituições educacionais? A serem tal instigam a revolta, o desejo embate nos sistemas da usurpação da essência, a alma morre e o corpo entrega-se ao deleite da única existência que possui. *Post mortem*? Mera ideia do abstracto puro. Poupança de existência? Ela é explodida no espaço-tempo a cada essência emanada, é desejo produzido à libido caótica em direcção ao prazer. E o fio da historiografia? Anti-platónico,

contra-filosófico, contra-cultural, anti-social. Existências singulares, onde tais pulsam? Contra-história, elabore-se a definição de História, platónica, cristianizada, masculinizada, um culto ao poder bárbaro por inversão de papéis, uma enxurrada de personagens propagadores do pensamento automático, recorrente, na fruição objectiva o vácuo, etnocentria ao enjoo, sucessão do fútil no nome atribuído aos poderes descendentes da ideia vácuca máxima, Deus, e os Seres Humanos? É necessária a exumação, deambular pelos abismos, fornecer a essência do Eu aos feixes epicuristas, iluminação. Quais os indivíduos? Os inimigos de Platão primeiramente. Leucipo, Demócrito, Antístenes, Diógenes, Protágoras, Antípon, Aristipo de Cirene, Epicuro, e tantos outros, relativismos, materialismos, imanência existencial.

Ousa a génese civilizacional cunhar a dicotomia socrática, entre o anterior ao messiânico e ao posterior, um reaproveitamento cristianizado da exterminação, em recorrência, ao pensamento individualista, pulsante, direccionado aos prazeres do corpo, à sensibilidade estética, ao erotismo sensual, à subjectividade da consciência artística, ao fausto existencial, e o pensamento pré-socrático enterra-se, destrói-se, calunia-se, Suméria, Assíria, Babilónia, Egipto, Índia, China, mitigam a atenção presos ao cómodo estereótipo messiânico, e quantos demónios podem ser exumados...

Educação institucional do aqui e agora presa ao recorrente erro, génese do pensamento, a estrutura por onde se aprisiona a consciência individual, harmoniosamente clamada libertária rumo à consciência de massas, à atrofia do desejo, um sumo do Eu escorrido para

“Construída no a priori, invólucro da ideia dos genocídios individuais, surge a alma, histerismo do invisível, propagação do inerte, e porque o pensamento se diz em evolução?”



o esgoto da ideia absoluta da mentira diversa como oposição à verdade única, Deus contra o Diabo, Bem contra o Mal, nas catacumbas se fazem sentir os bárbaros, os hereges, os demónios, séculos de claustro, conhece-se a existência, resta a necessidade de acção e reacção, de utilidade individual, de expressão no hedonismo de consciência elevada, de materialização do pensamento existencial, de conexão entre as géneses desses pensamentos com o Eu através dos fluxos da contra-história, da contra-filosofia, da imanência do ser.

Contra as fabulações de Platão, a busca pelo feminino perdido, a exumação do sensível e sensual como extermínio aos conceitos falocráticos, o erotismo enquanto estética e estímulo sobre o plano do desejo individualista, a rejeição da mitologia da falta e do excesso perante a subjectividade, rompimento com sistemas de heterossexismo monogâmico presos ao tudo momentaneamente, ao nada consequentemente, amarras da falta como frustração do desejo, alimentado pelo materialismo externo ao Eu e ao Outro, fútil e inimigo dos corpos, imanência da relatividade

afectiva e sexual sem a ideologia platónica do imaterial e imortal, da esfera binária da completude castradora do materialismo vital, miserabilismo sexual... Da tendência ao ódio corporal, pulsão da morte *ad nauseam* rumo ao *post mortem*, a sujeição ao bárbaro das faltas, autismo de consciência elevado à selvaria da depressão por não concretização óbvia do ideal, estúpida tendência ao uso de objectos passivos submetidos à força.

Formatação e alienação, a recorrente doença platónica, ódio ao corpo e ao intelecto, a recorrente infecção cristã, herdaram-se os automatismos rarefeitos na lógica contínua, educa-se para o servilismo, com determinismos sociais e propagandas ideológicas, retiram-se os expoentes do existencialismo hedonista da percepção e caluniam-se como forma de enterro em maior profundidade, eis o voluntariado para a escravidão, as vítimas que encontram o prazer no desejo de renunciarem ao seu Eu, completa necessidade da usufruição dos jardins epicuristas, compreensão e não memorização, libertação individual e não caverna social, emanção do Eu e não

possessões eternas de papéis sociais, rompimento com o abstracto e realização do concreto, sensibilidade sensual e não barbárie castradora, pulsão corporal e não inércia da alma, revivalismos arcaicos e não retóricas burocrático-administrativas, potência expressiva e não linguísticas neologistas confinadas ao elitismo dos gabinetes do poder, alterações e elevações de consciência esotérica através da sexualidade, erotismo, gastronomia, arte, ingestão de psicadélicos, cenários de potência existencial aos sentidos e não alienação pelos organismos de distracção maciça. Ensinar a pensar, a barreira complexa muitas vezes intransponível, a potência de solução nas micro-sociedades anarquistas, o espaço-tempo dedicado à interacção do Eu com o Outro, com o envolvente, à asfixia social a potência da revolta, radicalismo nietzschiano de esquerda, política libertária rumo à implosão da escolástica elitista exotérica, meritocracia do intelecto vivo concretizador, da potência filosófica, sensual, sexual, intelectual, estética, artística. ●



A Educação nas Escolas e nas Famílias

Sofia P.



Sabemos a importância que a Educação tem na formação do jovem que irá herdar o mundo. É da interação no seio familiar, nas escolas e com os seus pares que se formam, a par com a sua herança genética, os traços do Homem de amanhã. É, também, desse conjunto de normas de socialização transmitidas pela via da aprendizagem teórica, mas principalmente através da interação entre experiências de vida, que se enraízam ou desenvolvem tipos diversos de cultura cívica, de comportamentos que passam a ser intrínsecos ao modo de pensar ou agir.

Se por um lado as mudanças propostas pelas escolas, a nível da educação cívica e da integração e modelagem de comportamentos, por meio de

modelos de educação testados noutros países ou através de sistemas educacionais pioneiros, se consubstanciam, muitas vezes, num conjunto rígido de normas que obedecem a padrões de ação aplicados, com as devidas exceções, a todo o universo escolar de um país, o universo das famílias é heterogéneo o suficiente para dificultar que todos reajam a esse sistema da mesma forma.

A forma como as famílias educam um jovem depende de uma combinação complexa de factores de onde, por sua vez, resultam indivíduos com diferentes percepções de vida, com princípios cívicos dissemelhantes, prioridades e níveis de motivação distribuídas num espectro alargado de expressões so-

ciais, aos quais não me parece que possam ser aplicados modelos estáticos e rígidos de educação escolar. Para além disso, geralmente o jovem é menos estancado às aspirações da sua família do que às aspirações da escola em relação a si mesmo, sendo também mais susceptível de considerar como modelo os comportamentos da família, em detrimento daquilo que é ensinado ou imposto a nível escolar.

Portanto, quando a educação nas escolas é antagónica ao tipo de educação que o indivíduo recebe dentro da estrutura familiar, surgem conflitos de diversa ordem. O jovem é apanhado no meio de forças opostas, sendo que normalmente é a escola que sai





derrotada dessa batalha. Quase que se poderia dizer, não fosse o tema mais complexo do que isso, que se devia “educar” primeiro as famílias, antes de aspirar chegar ao jovem de forma eficaz.

Existe, portanto, uma miríade de realidades familiares que se prendem com factores tão diversos como as relações afectivas familiares, a situação económica do agregado, o seu nível cultural e até os traços psicológicos dos elementos da família que sendo, muitas vezes, adversos ao equilíbrio de vida do jovem não constituem terreno fértil ao desenvolvimento do tipo de cidadão que as escolas, pelo menos na teoria, desejam esculpir como se fosse uma utópica obra de arte. Enquanto a cultura familiar não mudar, não vão ser os bem-intencionados normativos escolares que vão vingar.

Parece-me que esta cruzada escolar cobre algumas frentes de acção. Porém, as menos importantes. Cria-se uma hora semanal de educação cívica num esforço quase caricato de combater os maus hábitos que se aprendem em casa diariamente e durante anos. Permite-se que alguns professores em específico, eles próprios com lacunas de educação cívica, tentem ser modelos de excelência.

Porém, e como já disse, a mudança da cultura e da expressão social de um país (porque é disso que estamos a falar em última instância) não se faz em meia dúzia de anos. É um processo moroso e tortuoso que demora várias


“Quase que se poderia dizer, não fosse o tema mais complexo do que isso, que se devia “educar” primeiro as famílias, antes de aspirar chegar ao jovem de forma eficaz.”


gerações até gerar resultados visíveis. E ao contrário do que se possa pensar, não depende só das escolas e da família como unidade. Entre outros agentes, depende do sistema político, da realidade económica, da equidade social e da permeabilidade dos indivíduos à sensibilização de quem tem verdadeiras boas intenções.

Note-se que não satisfeitas as necessidades básicas do indivíduo/família, no equilíbrio económico-social e político, a forma como o aluno se expressa não só na escola como noutros locais fora de casa será provavelmente o último item da lista de prioridades familiares. Para além disso, não havendo satisfação e equilíbrio noutras áreas fundamentais da vida, presume-se que

a motivação no que respeita ao aspecto comportamental de cidadania será fatalmente baixa. Não esquecendo de mencionar que, nos casos mais graves de carências de toda a ordem, o indivíduo é mesmo propenso à agressividade e ao desinteresse total.

Na sequência do que se refere acima, e apesar de dever existir comunicação entre a escola e os pais, trabalhando em frentes diferentes mas complementares, não me parece, no entanto, que sejam acções de sensibilização forçada que tragam proveitos dignos de menção. Até porque trazer um pai desinteressado à escola é, por si só, já uma tarefa hercúlea.

O problema da autoridade e a clarificação dos papéis

Existe sempre quem esteja equivocado quanto aos papéis destas duas instituições sociais, uma vez que têm especificidades muito diferentes.

Como é óbvio, o professor não deve ser visto como um membro da família do aluno, e não tem de assumir as responsabilidades específicas que cabem aos pais ou encarregados de educação. Por outro lado, a escola deve sim criar condições que ultrapassem o mero ensino estruturado, assumindo um papel transversal e complementar à família.

É claro para todos que a autoridade do professor nos dias que correm está balizada por normas de comportamento social. É o caso dos castigos. Não defendendo propriamente uma forma de motivação negativa, o aluno tem por outro lado de ter consciência





“A instituição escolar é o local certo para adquirir novas competências de socialização com os pares, dentro de condições benéficas, e uma forma de aprender a aceitar novas formas de autoridade, diferentes da autoridade do pai, da mãe, ou de outro elemento do agregado familiar.”



das consequências dos seus actos menos correctos. Se o aluno está a causar distúrbios, pode ser chamado à atenção e em última instância retirado na sala, o que na maioria das vezes não constitui problema de maior para um aluno que não está verdadeiramente interessado em lá permanecer. Se este método fosse sempre aplicado, nas turmas realmente problemáticas o professor acabaria por ficar a dar a aula sozinho. Cabe, portanto, à família educar o aluno para agir em conformidade com as correctas regras de interacção social, dando-lhe a noção de responsabilidade para consigo mesmo e para com os outros.

A escola por si só não terá capacidade para educar civicamente centenas de alunos, e num universo mais reduzido, é humanamente impossível para um professor educar civicamente trinta alunos enquanto tenta ao mesmo tempo cumprir os conteúdos programáticos. Nem é essa, como já disse, a sua função.

Porém, é com certeza possível que a escola encontre formas de motivar e integrar os seus alunos, adequando e flexibilizando matrizes comportamentais. No entanto, esta é apenas uma tarefa complementar à educação que está ancorada à família. A instituição escolar é o local certo para adquirir novas competências de socialização com os pares, dentro de condições benéficas, e uma forma de aprender a aceitar novas formas de autoridade, diferentes da autoridade do pai, da mãe, ou de outro elemento do agregado familiar. No entanto, não existindo as competências sociais básicas que deverão ser ensinadas pela família, não é a escola, mais uma vez, que conseguirá moldar drasticamente um aluno com vivências e modelos familiares deficientes, a nível da cidadania.

O ensino inclusivo como oposição ao ensino exclusivo

Na sua generalidade, e quando a realidade o permite, as escolas têm tentado exercer um modelo de inclusão do aluno num ambiente com boas influências, ou referências, que de alguma forma estimulem atitudes positivas em detrimento do caos de se juntar alunos

com comportamentos cívicos precários e pouca motivação.

O aluno com mau rendimento escolar tem, na maioria das vezes (ou pelo menos, assim me parece) um mau comportamento cívico acompanhado por um grande desinteresse em adaptar-se às regras da comunidade escolar. Logo, há uma tentativa da escola para o afastar dos catalisadores de maus comportamentos, incluindo-o numa turma de alunos mais pacíficos, interessados e cooperantes. Mais uma vez, a acção da escola está limitada somente às horas em que o aluno passa nesse ambiente. Se o aluno for para casa e estiver sujeito a maus comportamentos cívicos, é natural que o esforço da escola saia gordo.

Não obstante as boas intenções da escola no que respeita ao acima referido, todos ouvimos falar das escolas, que pela sua localização geográfica, estão cheias de alunos oriundos de agregados e comunidades sociais cheias de problemas económicos e sociais. Nestes casos, não há como fazer resultar a educação escolar inclusiva, pois não há um meio favorável onde incluir os alunos.

A conclusão que retiro daqui é óbvia. A formação de cidadãos capazes de

viver em sociedade de forma produtiva e com mais-valias sociais não passa por tratar os sintomas, mas as causas. E as causas de uma pobre educação cívica residem na sociedade fora das escolas, como foi referido acima.

A instituição escolar é responsável pela educação formal, pela passagem de conhecimentos, de forma a que o indivíduo passe a ter a bagagem cognitiva necessária à construção do seu percurso profissional futuro. Para além disso, a escola é um meio físico de socialização tal como qualquer outro, onde existem figuras de autoridade, regras a cumprir, e contextos de aprendizagem de respeito mútuo. A escola deve também flexibilizar-se e actualizar-se consoante as exigências do desenvolvimento das sociedades. Deve tornar-se motivadora e desafiadora.

A função da família é conceder ao jovem o equilíbrio, as aspirações e os exemplos de boa cidadania.

E a função da sociedade e dos órgãos de soberania é permitir às famílias condições favoráveis para que possam e queiram educar o jovem com bons princípios cívicos e aspirações desafiantes. ●





Visita ao Meu Coração II

Outubro



Resumo da I Parte:

Saturada do subúrbio cinzento onde vive, Lara decide reinventar uma dimensão estética ideal, partindo para uma localidade algures nas montanhas, Vila Negra. Na noite da sua chegada, revisita o bar local, onde encontra um casal amigo e se defronta com um estranho personagem.

- O que é AQUILO?

- Um espectro. – disse Mafalda, como quem diz, um metaleiro, um gótico, um punk.

- Isso é uma força de expressão, não? Um torso daqueles não pode ser de hectoplasma! – respondi eu, sarcasticamente, pronta a descartar a hipótese.

- Simmmm! Olha e escuta com atenção.

- Sim, diz lá.

- Para ouvires tens de lá ir.

- Para ouvir o quê, afinal?

- O ruído do espectro. – disse Mafalda, com aquela expressão insinuante e sinistra, de quem acabou de revelar algo de importante, ou nos está a mentir com todos os dentes, com propósitos pouco definidos.

- Pensei que me ias dizer algo. – disse eu – Estás a brincar não estás? Estás a confundir-me porque decidiste abusar do meu estado de permeabilidade voluntária, às sextas.

- Vai.

Fechei a cara e aproximei-me, com a descontração comprometida da curiosidade, que felizmente só eu sentia. Por fora via-se apenas o rosto fechado e duro, atrás do qual habitualmente se esconde a criança traquina e essa intensa atracção por tudo o que estimule em mim a doce perspectiva de me equilibrar sobre o abismo (já com as cordas soltas). Ou pelo menos, assim pensei, ao mirar-me de relance nos espelhos, até ao bar. Algo que faço por vaidade e narcisismo, desde que me lembro.

Olhei hesitantemente para os meus amigos, com um sorriso imperceptível de corsa débil mental, que rapidamente deslindaram e que me retribuíram, com um aceno desvelado de sacanas, como quem diz: *“Toca a andar.”*

- Olá Jonas, serves-me uma cerveja?

- Senteste bem? – perguntou Jonas com um ar preocupado.

- Quem eu? Sim, porquê? – respondi eu, olhando de relance o espelho atrás do balcão.

- Porque estás com ar de quem tropeçou no Conde Drácula, na fase de encerramento do terceiro cérebro. Ou seja, acordaste anémica e nem sabes porquê...

“Por fora via-se apenas o rosto fechado e duro, atrás do qual habitualmente se esconde a criança traquina e essa intensa atracção por tudo o que estimule em mim a doce perspectiva de me equilibrar sobre o abismo (já com as cordas soltas).”

A figura reagiu à mensagem subliminar do jocoso barman, que lhe apelava em simultâneo ao ego, que há anos – décadas, como viria a saber – insistia em associar aos impulsos carnais do vampiro em questão, e, inerentemente à observação cuidada de uma PRESA POTENCIAL.

E foi então que vi... e ouvi.

Sabem aquele ruído das grades ultravioleta para electrocutar moscas?

Tdzz-dzzzz-tzzzz-dzzz – exactamente. O mancebo tremeluziu, o que eu fiz por ignorar, em benefício do olhar com que entretanto me empalou ao balcão, convertendo-me numa parte integrante deste e destituindo-me definitivamente da vontade de me fingir empenhada em me defender fosse do que fosse, o que me fez passar instantaneamente ao modo de corsa indefesa.

- Hey! – disse ele, num inglês perfeitamente descontraído o que, paradoxalmente, parecia contrariar as nuvens de enxofre que eu vi – EU VI – desprenderem-se dele, embora sem o cheiro que lhes é característico (por conveniência da história, confesso – é sempre complicado associar o fumo amarelado do enxofre a elegantes aparições sobrenaturais, tentando em simultâneo fazer esquecer o fedor que estas imanam). Mas adiante.

- Adolfo. – disse, por fim, tremeluzindo uma vez mais, de forma inequívoca.

- Eu chamo-me Lara.

- Fazes parte do projecto de Vila Negra?

- Faço parte de Vila Negra e não sei de projecto nenhum. – consegui dizer,

com um ar rabugento e indissolúvel, imaginando-o em simultâneo numa lindíssima farda negra, nem sei bem porquê...

Faço sempre isto. Ora os imagino de smoking, ora de robe de seda, ora de saíote bárbaro, enfim gosto de lhes emprestar romantismo, e a mim mesma os meios para agregar energias inspiradoras.

A partir daí a conversa tornou-se irrelevante, ainda que o Inglês lhe conferisse nuances deveras interessantes e, embora o visse tremeluzir uma meia dúzia de vezes, aquela noite acabaria por frustrar qualquer teoria pessoal ou alheia sobre a não interferência do hectoplasma na libido humana, embalando-me na momentânea evidência do contrário.

As horas escoaram-se num relógio invisível, irritantemente rápido, mas que apenas se tornou perceptível no momento em que as luzes cruas da sala se acenderam e a música se extinguiu, deixando-nos nos ouvidos a ressonância cava do silêncio e o zunido monótono das luzes fluorescentes. O olhar sonolento e condescendente de Jonas completava o quadro da noite moribunda, dispensando-o da frase fatal: *“Está na hora, meus senhores”*.

Olhei em redor: Nada mais que mesas e cadeiras em posição de repouso e o chão preto e branco marcado de pegadas húmidas. Félix e Mafalda tinham desaparecido há muito, como aliás todos os outros, à laia de metáfora.

Sabem qual? Também não vos digo.

Digo-vos apenas que os três segundos que dispensei a mim mesma a meditar no assunto, a revelaram.

- Would you?... – Ups!

Jonas onde está o rapaz com quem eu estava a falar?

- Qual rapaz? – disse Jonas, enquanto fechava a gelosias exteriores.

- Estás a brincar? O Adolfo!

- O único Adolfo de que ouvi falar em Vila Negra, morreu há perto de vinte anos e era tio-avô da Carla. Não te vi a falar com ninguém, ainda que estanhasse a tua imobilidade ao balcão durante duas horas e meia.

“Corta!”, pensei eu. Não sei nem quero saber.

- Vou dormir. – disse eu, dando por finda a conversa.

- Boa noite Lara.

- Boa noite Jonas.

Ainda perturbada com o desaparecimento súbito de Adolfo (e não tanto com a revelação de Jonas), encaminhei-me para a porta e fechei-a atrás de mim, mergulhando os pés na neve azul fluorescente, sob a abóbada



cintilante e gelada do céu de Vila Negra. Arrastei-me até ao carro, enquanto meditava frivolamente sobre questões logísticas e funcionais num relacionamento íntimo com um espectro. Algo em que jamais me ocorrera ter de pensar.

Tdzz-dzzzz-tzzzz-dzzz.

- Adolfo! – exclamei, abandonando, numa fracção de segundo, todas as minhas cogitações acerca da morte da noite, do estertor da lua e da redobrada volatilidade de um caso com um espectro, imaginando na lua um sorriso de orelha a orelha.

- Lara. – disse ele, como se acabasse de anotar o meu nome.

- Julguei que...

- Gosto de descrição. A minha falecida mantém na morte o rancor que me levou a afogá-la na maldita canja com que insistia em “brindar-me” a torto e a direito. Receei que me fizesse outra exibição lúbrica de ressentimento no bar do Jonas.

“Lúbrica?” – pensei eu.

- Mas que falta de educação. – disse eu, sem saber bem o que dizer.

- Nunca se conformou por continuar a preteri-la depois de morto.

- Porque casaste com ela?

- A canja.

- A canja?

“A canja?” – repeti mentalmente.

- Sim a canja. Costumava fugir para casa dela, sempre que me apaixonava. Apanhei uma úlcera de estômago durante a guerra, o que me provocava desagradáveis espasmos nesses momentos. Por isso servia-me canja e escutava-me de cotovelos assentes na mesa, o rosto e os olhos a derreterem-se sobre as mãos.

- A Esposa sofrida. – uma teoria minha, que há anos insistia em comprovar.

- Exactamente. Com o tempo, conclui que seria preferível fazer precisa-



mente o contrário. Viver em casa dela e escapar-me temporariamente para os braços das mulheres que me assustavam, o que julguei que aceitasse, atendendo ao facto de que o fizera toda a vida. Mas não. A amiga doce e compreensiva foi assumindo gradualmente uma estranha forma de tirania: sempre que me ausentava mais do que o aconselhável, sentava-me na mesma mesa e obrigava-me a relatar-lhe todos os detalhes sórdidos dos meus encontros e a comer uma tigela de canja, contorcendo-se de prazer no sofá.

- Nunca me ocorreu pensar em canja como instrumento de sedução, poder e morte. – disse eu, percebendo nesse instante quão débeis eram as minhas fontes de pesquisa.

- É verdade, cara amiga. Depois da noite fatídica, o povo de Vila Negra, que sempre me olhou de soslaio, resolveu punir-me vitaliciamente, consagrando-lhe um santuário de galinhas, e uma cantina de canja, o que certamente a encorajou a assombrar-me esporadicamente, no decurso dos meus encontros nocturnos. Nem sei como não apareceu hoje.

- Talvez não fale inglês. – disse eu, sarcasticamente, agora gelada e frígida, perante a iminência de um episódio espectral de faca e alguidar com laivos porno, na minha primeira noite em Vila Negra – Adolfo, desculpa, mas está na hora de ir para casa. Vemo-nos noutro dia, sim?

- Está bem. – disse Adolfo, agora mais semelhante a um murcho acento de circunflexo do que ao potentado de arrogância e vitalidade que me fizera adivinhar nele, não apenas a mera visão do que outrora fora, mas uma panóplia de quadros escaldantes.

Tdzz-dzzzz-tzzzz-dzzz.

E desapareceu.

Se há coisa que detesto é interferir na vida conjugal dos mortos.

Sentei-me no carro e estremei ao colocar a chave na ignição. Reconfortada pela música e a luz dos faróis, sacudi a história de mim com a celeridade possível, e regressei a casa sem qualquer incidente espectral, adormecendo tranquilamente no conforto da minha cama de dossel.

Na manhã seguinte acordei com o ruído distante dos falcões e a indiscri-

E foi então que vi... e ouvi.

Sabem aquele ruído das grades ultravioleta para electrocutar moscas?

Tdzz-dzzzz-tzzzz-dzzz – exactamente.



ção de um raio de sol a brincar-me na face, de concluo com um pequeno espelho em cima do toucador.

Aconcheguei-me na cama decidida a regatear longamente os termos do meu despertar.

“Café”, pensei, esse rapaz negro e cheiroso, mensageiro da lucidez.

Depois o telemóvel tocou, arrancando-me de vez à letargia.

- Alex.

- Lara?

- Sim.

- Almoço e reunião em minha casa.

13:00. Temos muito que falar.

- Que horas são?

- 11:30.

- Lá estarei. Quem vai lá estar?

- Depois vês.

- OK, chefe.

- Já sei do teu encontro com Adolfo, o aspirante a libertino, que morreu antes de o ser.

- O da canja?

- Claro.

- Não quero falar nisso. Um bom dia também para ti.

- Até já, então.

- Alex, Alex, não desligues. Como é que soubeste disso às 11:30 da manhã?

- Oh minha cara amiga, as nossas aspirações para Vila Negra, não nos

destituem das qualidades e defeitos que fazem de nós exímios exemplos da raça humana. Muito pelo contrário.

- Caríssimo, sei bem do que a casa gasta e subscrevo, mas a celeridade com que as notícias se propagam, por vezes ainda me incomoda. Podias ao menos esperar que eu acordasse.

- A surpresa...



- É um excelente desagregador de ideias, no cérebro uma mulher de ramelas nos olhos... já sei.

- Voilá.

- Olha até logo, sim?

Clac. Fechei o telemóvel, olhando-o de sobrolho franzido e atirando-o para os pés da cama, deixando escapar o sorriso relutante de sempre. Que raio de gente. Sempre tão atentos...

Adoro-os. É verdade. Farta de monos estou eu. Ao menos entre eles, nada passa despercebido, ainda que se abstenham de me julgar ou verter sermões pela goela abaixo, no que toca a escolhas mundanas (o que pelos vistos, passara a incluir também conviver com espectros, pelo menos na minha vida acidentada). Voltei a lembrar-me da canja. Bela metáfora. A mulher era uma moralista e a canja a sua arma. •


Depois da noite fatídica, o povo de Vila Negra, que sempre me olhou de soslaio, resolveu punir-me vitaliciamente, consagrando-lhe um santuário de galinhas, e uma cantina de canja, o que certamente a encorajou a assombrar-me esporadicamente, no decurso dos meus encontros nocturnos.


LA CHANSON NOIRE

O BORDEL DE LUCIFER
AZABEL

*

HOLLOW HILLS (BAUHAUS)



THE COMPLETE PIANO AND VOICE SESSIONS
FOR YOUR LISTENING PLEASURE!

- OUT SPRING 2009 -

500 COPIES LIMITED EDITION 7" VINYL

"SOU CLIENTE HABITUAL DO
BORDEL, E RECOMENDO!"
SATAN

"CARAMBA, ISTO É A MELHOR COISA DESDE A
RESSURREIÇÃO DO MEU FILHO!"
ANÔNIMO



WWW.HELLOUTRO.ORG